

Tempo novo

TEMPO DE ESPERANÇA



Família Josefina nº 55



«Foi o tempo que passaste com tua rosa
o que a fez tão importante».

Antoine de Saint- Exúpery

Parece que já é um clássico falar desta cultura nossa como um mundo de pressas, de rapidez e eficácia, no que tudo funciona a golpe de «clic». No entanto, as coisas que realmente importam se cozem em fogo lento. O amor, o trabalho, o crescimento pessoal... necessitam de tempo, muito tempo, imprescindível para impressionar-se, aprender, ensaiar, corrigir, amadurecer, recomeçar...

Se estás lendo este editorial em janeiro de 2022, já podemos falar de mais de um longo ano de pandemia, muito tempo. Quando começou, junto a uma dose importante de incerteza e diante da evidente necessidade de isolar-nos, o tempo começou a sentir-se de outra maneira. Conforme os acontecimentos dolorosos foram chegando, surgiram muitas vozes convidando a fazer novos aprendizados. Rodeados pela enfermidade, pelas feridas abertas na humanidade e no Planeta, reconhecemos que havia chegado o momento de aprender sobre o que verdadeiramente importa e, portanto, quais deveriam ser, a partir de agora, as coisas as quais dedicar o tempo ou, ao menos, reservar um tempo de qualidade.

Nos acostumamos a dizer que o tempo é ouro, também que é dinheiro. Visto desde outro ângulo, o tempo é o presente que mais facilmente temos para oferecer a alguém. É o bem precioso com o qual expressamos nossos afetos, nossas prioridades, nossas gratuidades. Às vezes, dizemos com dor que é *tempo perdido*... Porém, talvez, nessas ocasiões, nosso olhar poderia ser um pouco mais benevolente para descobrir, no fundo do que assim nos parece, ensinamentos importantes, que certamente existem.

Também falamos do que ocorre em *tempo real*. Em nossa cultura se refere ao interesse de não se perder nenhum detalhe do que está sucedendo agora mesmo, em outra parte do mundo. Desde logo, é uma oportunidade impressionante a que nos oferecem as tecnologias para conectarnos a milhares de quilômetros. Porém quiséramos aqui resgatar o valor do *tempo real* que sucede a nosso lado, a realidade para a qual não necessitamos visor, o tempo com os mais próximos, conosco mesmos e também com Deus.

Nas páginas desta revista temos por costume falar de coisas quotidianas. Recebemos essa herança do P. Francisco Butinhá, S.J., quem nos mostrou a possibilidade de buscar e achar a Deus no trabalho, nas rotinas, nas ocupações que se repetem todos os dias, no contexto das relações, da família, dos vizinhos, dos amigos, também, entre os desconhecidos... Pois bem, nada existe cotidiano que o tempo. Um calendário é uma soma de tempos que cada ano abrimos com expectativa e confiança. O que encontraremos? A quem? Talvez, tudo dependa do que vamos a buscar. Porém é possível, muito possível, achar e celebrar um tempo consumido de Presença.

Butinhá era uma pessoa que aproveitava o tempo. Em suas cartas informa sobre suas muitas atividades, às vezes, comenta, como nos acontece, que não tem tempo livre. Porém não o imaginamos como um homem fatigado ou superficial, mas como um apóstolo vivendo *intensamente* o tempo que Deus lhe ofereceu. No caso de Butinhá, é um tempo energicamente colocado a serviço de Deus, no cuidado dos outros, que não esquece a contemplação da

natureza, a atenção às coisas pequenas, o cuidado dos detalhes, como se aprecia claramente em suas cartas¹.

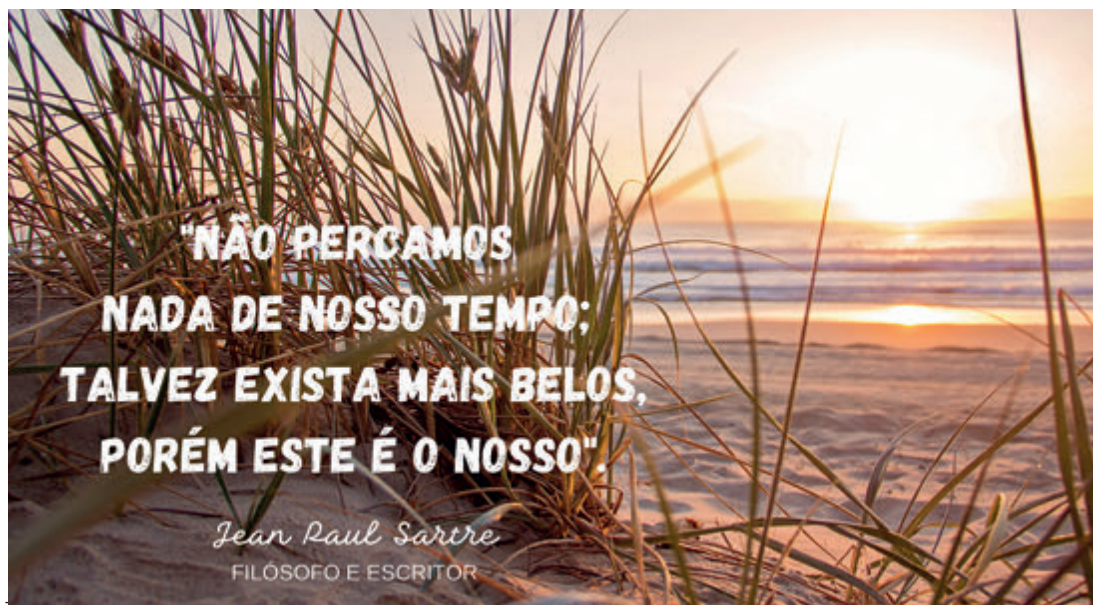
Pensar em como vivemos o tempo é pensar no cotidiano, pensar naquilo no qual nos fazemos presentes e como nos fazemos presentes; pôr em jogo nossa capacidade de observar, compreender, dar uma resposta criativa, facilitar as mudanças, fazer brilhar o melhor de nós mesmos e do outro, servir com humildade, confiar, inclusive inspirar... são algumas coisas que acontecem quando vivemos o tempo com uma presença de qualidade.

Ao longo destas páginas encontraremos uma pequena coleção de histórias de presença, uma pequena exposição dos «tempos» que consideramos valiosos para aprender, curar feridas, trabalhar, orar, consolar, acompanhar aos demais, missionar...

Talvez a pandemia tenha limitado nossas atividades, nossos movimentos, nossos contactos, porém não a intensidade e qualidade de nosso tempo, quando soubemos redescobri-lo como esse valioso presente que nos permite viver com atenção plena, voltando ao passado para aprender, perdoar e enraizar-nos e olhando ao futuro para criarmos esperanças e comprometer-nos.

Talvez todos desfrutamos lendo as aventuras do Pequeno Príncipe, esse carinhoso homenzinho que, no relato de A. de Saint Exupéry, viajava de planeta em planeta buscando amigos. Em certa ocasião, a raposa fê-lo saber: «*Foi o tempo que passaste com tua rosa o que a fez tan importante*». Visto desde o outro lado, oxalá todos tenhamos uma ou várias *rosas* (pessoas a quem amar e causas nobres pelas quais trabalhar) que convertam nosso tempo em algo inspirado e com sentido. ■

Ana Romero, f.s.j.



1. Francisco Butinhá, S.J., *Cartas*. Poderíamos citar uma coleção de cartas nas quais aparecem numerosas referências à paisagem dos lugares que percorre em seu itinerário missionário, a forma de vida das pessoas, detalhes em sua relação com seus familiares, com as Irmãs, etc. O mesmo fato de escrever cartas em meio de suas numerosas ocupações reflete sua capacidade de estar plenamente presente na atenção às pessoas.

Quem não imaginou alguma vez a possibilidade de retroceder no tempo? Quem não gostaria de corrigir algum erro cometido, reagir de uma maneira diferente ou aproveitar uma oportunidade que havíamos perdido? Todos abraçamos um desejo inconfessável de dominar o tempo. Este desejo compartilhado soa atrás de filmes de ficção, como um intitulado «*Uma questão de tempo*» (2013). Sua trama gira em torno da capacidade do protagonista, herdada por todos os homens de sua família, de viajar no tempo simplesmente metendo-se num lugar escuro e concentrando-se no momento preciso ao qual quer regressar. Esse personagem encarnava o que qualquer um de nós desejaríamos: ter o tempo em nossas mãos.

Quem mais e quem menos, todos temos a experiência compartilhada do misteriosa que resulta nossa percepção temporal. Por mais que queiramos diminuir o avanço das agulhas do relógio os minutos voam quando estamos de férias, numa conversa agradável ou desfrutando da companhia das pessoas que amamos. De forma contrária, os segundos parecem eternos quando estamos aborrecidos, incomodados ou vivemos situações desagradáveis. Nosso desejo de controlar o tempo inclui pará-lo numas ocasiões e acelerá-lo em outras. A mentalidade bíblica, pelo contrário, tem muito claro que somente Deus é o Senhor do tempo.

Na Sagrada Escritura o conceito de *história* é chave, pois nela se estabelece a Aliança, que não é outra coisa que o empenho divino de estabelecer um vínculo de amor com a humanidade. O povo eleito reconhece que avança ao longo do tempo com uma finalidade e bem acompanhado. A travessia pelo deserto é uma imagem gráfica de como o povo crente acredita estar na companhia d'Aquele que lhes salvou e que, além do mais, lhes guia até a terra prometida. Daí que o salmista não tem dúvidas em confessar com confiança que «meu tempo está em Tuas Mãos» (Sl 31,16).

Esta vivência bíblica não desaparece no cristianismo, mas progride e se fortalece. Confiamos em que esta história tem um último sentido, quando «Deus for tudo em todos» (cf. I Cor 15,28). Além do mais, Jesus Cristo é «Deus conosco» (cf. Mt 1,23) e sua presença ressuscitada nos acompanha, por mais que nos possa passar despercebida no meio das rotinas quotidianas. Ele caminha ao nosso lado cada dia até o final dos tempos (cf. Mt 28,20). Por isso, ainda que não sejamos nós mesmos quem, como no filme, temos o tempo em nossas mãos, este descansa em outras muito melhores, com mais perspectivas e infinitamente mais misericordiosas e ternas com a realidade.

Detrás dos matizes cômicos que tinha o filme do que lhes falava no começo, este termina com uma confissão do protagonista. Ele, ao princípio, repetia cada dia, de forma que sempre tinha uma segunda oportunidade para desfrutar de cada circunstância e saborear a profundidade de cada momento. Mais tarde, quando já adquiriu habilidade em saborear do presente, deixou de necessitar dessa repetição. Já aprendera a grande lição de sabedoria que insiste em lembrar-nos o sábio de Eclesiastes:



«Isto experimentei: o melhor para o homem é comer, beber e desfrutar em meio de suas fadigas e tarefas sob o sol, nos contados dias da vida que Deus lhe concede; porque este é seu pagamento» (Ecl 5,17).

«Se vivemos muitos anos, que saibamos desfrutá-los todos» (Ecl 11, 8a).

Oxalá também nós aprendamos a desfrutar o dom de Deus que Ele nos concede em cada momento, reconhecendo a presença do Ressuscitado no escurecer do dia a dia. Se nos orientamos assim durante a existência, estaremos louvando Àquele em cujas mãos está nosso tempo (cf. Sl 31,16). ■

*Ianire Angulo Ordorika
Professora da Sagrada Escritura
Servas da Santa Eucaristia
e da Mãe de Deus
Granada (Espanha)*

Há dois meses, nossa forma de vida mudou de uma maneira radical. Mudamos a proximidade pela distância, os abraços por *gravuras e as reuniões presenciais* pelas telas. No entanto, há um elemento fundamental que, com frequência, se vê como uma questão numérica porém, na realidade, termina com a obra magnífica da experiência: me refiro ao tempo, esse tempo que, em algum momento, se modifica com a finalidade de transformar e de criar.



Meu nome é Martín. Sou professor de educação primária e nesta ocasião te contarei um pouco de como este tempo me ajudou a transformar minha forma de ensinar, para criar assim outra mentalidade, renovando meu ser como profissional da educação.

Pouco tempo depois que a atual pandemia começou a nos afligir, milhares de dúvidas surgiam em mim diante do que nos proporcionaria o destino, pois, como é do conhecimento de todos, o ensino é uma profissão que nasce do compartilhar, de forma presencial, com os demais para construir o conhecimento, e ao não estar na instituição tendo um tempo de interação, como poderíamos continuar?

Quando as autoridades oficiais deram os comunicados pertinentes, em minha mente se acumularam ideias desencontradas, até descobrir que o importante deste processo à distância não era terminar um programa de estudos ou cumprir com todas as atividades, mas que, desde o simples, o estudante se sentisse acompanhado para aprender em seu contexto.

Desta maneira, comecei esta nova missão que, como professores e alunos, nunca antes havíamos enfrentado: ensinar e aprender desde casa. No princípio era muito monótono estar gravando vídeos onde tinha que falar a uma câmera de onde ninguém te responde, ou então, revisar por computador, um trabalho, sem poder acompanhar a emoção do estudante ao ver seu progresso.

Porém não me desanimei e comecei a pensar de uma forma diferente. Talvez o problema estava em que sabia o que tinha que fazer, porém não sabia como levá-lo à prática, assim que, pouco a pouco, comecei a incluir à família nas atividades para que os alunos vivenciassem os conteúdos desde outra perspectiva, isto é, aprender desde o simples, a partir dos objetos que nos rodeiam, os fenômenos naturais que sucedem e até a forma em que os alimentos chegam a nossos lares, dando uma explicação de cada um destes fatos e estimulando sobre o que se aprende esteja vivenciado e não seja um tema *de papel*.



Desta maneira o conhecimento se tornou aprendizagem, porque, talvez, não se compartilhou com seus companheiros, mas com seus familiares, que os acompanharam em cada passo e valorizaram este tempo em que seus filhos iam crescendo e aprendendo. Somado ao já mencionado, os pais, mães ou irmãs dos alunos se puseram no lugar do professor observaram que, detrás de uma atividade escrita em papel, não há *ideias inventadas*, senão dedicação e carinho para abrir mais um caminho às pequenas mentes do amanhã.

Terminando esta aventura, quisera fazer menção sobre o que algumas pessoas dirão desta pandemia: que foi do pior. Porém, sem dúvida, nos fez refletir sobre a vida tão acelerada que estivemos levando, pelo que, muitas vezes, não nos damos conta da infinidade de pequenos detalhes que nos rodeiam e que é importante entesourar. ■

Martín Dagoberto Soto Guevara
Professor de Novo Laredo, Tamaulipas (México)



*«Que a tua fidelidade me console,
segundo ordenaste para o teu servo».*

Sl 119, 76

Durante todo o tempo da pandemia que assolou toda a humanidade, fomos chamados (as) a consolar, e também, neste mesmo tempo, fomos acariciados com um tempo de crescimento espiritual, pois as experiências do cuidado e acolhimento às pessoas infectadas pela Covid 19 ensinaram-nos que a espiritualidade, que faz saborear o eterno e o absoluto no cotidiano, é que nos projeta para a vida a cada instante.

E como foi o anúncio neste tempo de consolar, se todos estávamos vivendo mais a experiência da insegurança e do medo, de distanciamento social, fugindo das aglomerações como um ladrão?

Digo com certeza que a sequele da missão que não se apaga, e do coração que inquieto bate às portas da solidariedade, da escuta e do descobrir como consolar as pessoas que, na perda de seus entes queridos ou no leito de seu quarto, isolados da família, buscavam um motivo para continuarem de pé, carregando sua cruz e aprendizado deste novo momento da humanidade, motivou este caminho para estar atenta aos acontecimentos ao redor.

Com este coração inquieto e em busca de como ser presença em meio a esta pandemia, a escuta se tornou para mim fonte de consolar àqueles que esperavam, porque não dizer, um toque em seu celular, para um desabafo, uma palavra, e, sobretudo a escuta de uma palavra que inspirasse esperança, força e fé.

E assim foram várias as experiências de pessoas que sofreram perdas, sem ao menos poderem estar para dar seu último adeus, pessoas que não se conformavam que alguém tão próximo, esposo, filho, esposa, partissem sem um sinal de um momento espiritual nas exéquias, e outros, que sofrendo a dor deste vírus, ansiavam por escutar uma palavra de consolo e esperança.

A experiência de consolar e até mesmo de escutar foi muito forte para mim, fazendo realidade esta palavra do apóstolo Paulo à comunidade de Corinto: *«Com efeito, assim como os sofrimentos de Cristo são abundantes para nós, assim também, pelo Cristo, é abundante a nossa consolação.» (II Cor. 1,5)* completando com o versículo do Evangelho de São João: *«Assim também vós estais agora na tristeza, mas eu vos verei de novo, o vosso coração então se alegrará e essa alegria ninguém vos arrebatará» (Jo 16,22).*

Em vários momentos me coloquei à disposição do lado oposto da net para consolar, muitas vezes mesmo sem dizer palavra, mas a escuta já se fazia remédio, consolo e esperança. O que mais ouvi neste tempo foi: «Reze por mim, por minha família». «Clamemos misericórdia». «A Palavra de Deus me alimenta...» E o murmúrio e choro. Isso sim foi tempo para consolar.

É preciso ser forte e ter fé naquilo que é difícil de acreditar... Esse sentimento pairou dentro de mim, e acredito dentro de muitos, pois na verdade todo esse novo momento da humanidade e sobretudo bem perto de mim, somente com muita fé e esperança, para consolar e se deixar consolar a tantas pessoas afetadas, não só infectadas pela Covid 19, mas também afetadas psicologicamente por esta situação tão deprimente e que buscavam uma palavra de consolo.

Senti que o maior consolo neste momento está centrado na Palavra do Senhor, através do apóstolo São Mateus 11,28, nos consola: *«Vinde a Mim todos vós que estais cansados e fatigados sob o peso de vossos fardos, eu*





vos darei descanso». Jesus apresenta um convite, um chamado a todos que passam por sofrimentos e angústias: «Venham a Mim todos vós...» Quanto consolo e força se expressa nesta Palavra de Jesus. Ele nos carrega nos ombros como o Bom Pastor carrega a ovelha. E com muito carinho cuida e acolhe a cada um (a).

Também a comunidade vivenciou vários momentos de consolo de muitas formas e podemos registrar aqui uma experiência gratificante, quando, no início da pandemia, tivemos que, de um dia para o outro, encerrar nosso trabalho no Centro Social São José (Creche), onde as famílias das crianças ficaram sem nenhum apoio, nem no que se diz para o desenvolvimento educacional para seus filhos e tampouco desfrutar de uma alimentação diária e lugar para deixarem seus filhos para irem ao trabalho. Que consolo em uma hora tão significativa desta, ou quanto tempo durará isso, era a pergunta mais ouvida.

No começo da pandemia... «Dar de comer a quem tem fome». Orientada pela Secretaria de Educação e com o seu apoio, nós da comunidade das Filhas de São José propusemos fazer a alimentação das crianças em nossa casa, contando com apoio de funcionários da Creche que entregaram na casa de cada criança, as marmitas para a alimentação diária, ou seja, nos primeiros dias da pandemia, até que se organizasse melhor esta dinâmica.

No decorrer da pandemia, em vários momentos, movidos pela compaixão de ver os nossos pequeninos sem possibilidade de atendimento presencial, todo o corpo docente e não docente, com as Irmãs, nos organizamos para preparar e entregar kits de alimentação para as famílias das crianças da Creche.

A fé é a melhor resposta. Aproximar deste abrigo do Senhor Jesus certamente é o melhor amparo. Firmando nesta convicção, nesta hora de dor de nossos irmãos e irmãs que imploraram e continuam suplicando a graça de tudo voltar ao normal, vou marcando passos com a experiência da escuta e do acolhimento. E então, teremos aprendido que mesmo nas grandes provas e tribulações, encontramos consolo e esperança. E ela tem nome e sobrenome: Jesus Cristo. ■

*«...Nem toda hora é fácil ter fé, Senhor.
Tomar minha cruz e seguir os teus passos...
Jamais duvidar e crer no poder da oração...
Saber esperar em meio à aflição.
Na noite escura da fé, a Tua presença venha me conduzir.
Me faça em Teus braços de novo sorrir...
Meu Jesus».*

Pe. Reginaldo Manzotti

«Há um tempo para tudo sob o céu». Ecles.3,1
O Consolo é a hora da graça.



*Maria José Pedroso, f.s.j.
Comunidade de Nepomuceno (MG – Brasil)*

*«Aqui se encontra um menino
que tem cinco pães e dois peixes.
Porém o que é isso para tanta gente?»*

Jo 6, 1-15

Em vários momentos, e especialmente neste tempo de pandemia, rezei com este milagre de Jesus.

A pandemia nos trouxe a morte de seres queridos, desemprego, incerteza econômica, impotência, desespero e, para numerosas famílias, fome...

Ver de perto estas realidades de carência, muitas vezes, me levaram a perguntar-me: «Meus cinco pães e dois peixes podem servir para algo? O que fazemos com toda esta *multidão*, não somente necessitada do material, mas também do pão da esperança e a confiança em Deus? É para despedi-la? Dar-lhe as costas? Que eles vejam como fazem? É tempo para duvidar se cinco pães e dois peixes são suficientes?»

Pelo contrário, é tempo para crer que a multiplicação dos pães e peixes também é possível no século XXI. Não é de forma mágica como Jesus vai multiplicar os pães e peixes, irá fazê-lo através de nós. Como? Deixando-nos afetar pelas necessidades, a dor, a fome, o desespero do outro; movendo-nos a compaixão pelo outro; crendo que nossos cinco pães e dois peixes são suficientes e que, depositados nas mãos de Jesus, Ele os multiplicará.

Vimos acontecer assim desde que iniciamos este projeto de «Cinco pães e dois peixes», no *Taller da Mulher* e em nosso bairro. Depositamos nas mãos de Jesus nosso tempo, nosso desejo de ajudar às pessoas necessitadas, um pouco de criatividade para buscar recursos econômicos através da confecção e venda de roupas, e o contato com pessoas que puderam apoiar. Ele pôs e segue pondo tudo o que falta. Tivemos o suficiente! E as pessoas, ao receberem a ajuda, vão agradecendo e bendizendo a Deus.

Desde que teve início a pandemia e até hoje, continuamos servindo almoços para adultos idosos, para alguns trabalhadores ambulantes que também se aproximam e para algumas crianças. Dá para todos. Atualmente servimos entre setenta e oitenta almoços.

Também apoiamos a vinte e cinco ou trinta famílias da redondeza, que ficaram sem trabalho ou são muito idosos. Mensalmente lhes proporcionamos cestas básicas que contém elementos básicos como: feijão, arroz, farinha de milho, flocos de cereais, azeite, açúcar, macarrão, sabão em pó, etc.





Deus multiplica as ajudas que possibilitam que o projeto se mantenha vivo. Quando estão acabando os recursos, não nos preocupamos porque já sabemos que a solução logo chegará e teremos mais do que necessitamos... E assim sucede!

É tempo para confiar em Deus, para sair de nós mesmas e permitir que a compaixão de Jesus, que nos habita, nos ponha em caminho, nos aproxime do que está necessitado.

É tempo para **multiplicar** gestos de generosidade de serviço. É tempo para **ver possibilidades** onde aparentemente somente há uns poucos recursos. Jesus nos convida a que lhe entreguemos nossos cinco pães e dois peixes, não para deixar-nos sem eles, mas para multiplicá-los em benefício dos demais.

É tempo de confiar na Providência de Deus, que nos pede para levar somente um par de sandálias, porém não duas túnicas, prescindir de qualquer coisa para o caminho, exceto um cajado...

É tempo para levar conosco somente *cinco pães e dois peixes* e confiar que nosso Pai do Céu irá multiplicá-los. ■

Lorna Teresa Vanegas, f.s.j.
Comunidade de Cidade Peronia (Guatemala)



Meu filho, sempre serás reconhecido como *bebê pandémial*, porque te tocou nascer e crescer nessa difícil situação, que jamais ninguém imaginara. Porém também significa que serás forte ante a adversidade, que saberás valorizar tudo o que tens e que serás capaz de adaptar-te a qualquer situação que se apresente. Todos, durante esta pandemia, refletimos e aprendemos algo. Porém tu e todos os que nasceram no ano de 2020, talvez chegais dispostos geneticamente. Algo bom tinha que ter!



Não te vou negar que os primeiros meses foram muito duros: o medo, a ansiedade, a sensação de clausura durante o obrigatório confinamento... invadiam meus pensamentos. Imaginar que pudesse passar algo, algo que não pudéssemos controlar, me matava a alma. Porém, por outro lado, a ilusão, a emoção e o amor entusiasmado que sentia por ti, desde o primeiro momento em que soube que crescias dentro de mim, pesavam mais e mais positivamente, ao ritmo que os dias passavam e podia riscá-los no calendário.

Iam transcorrendo os meses, com muitas medidas de segurança e litros de álcool gel. Papai e mamãe íamos a tuas revisões para assegurar-nos de que tudo fosse corretamente. Foi duro que papai não pudesse acompanhar-nos dentro da consulta. Outras coisas que este *bichinho* não permitiu são os abraços e beijos. Foi um trabalho que, após a volta à *nova normalidade*, não pudesses receber o abraço e o beijo de todas aquelas pessoas que se alegravam com tua chegada. Tivemos que trocar tudo isso, que tu e eu, tanto necessitávamos, por um toque de cotovelos, por mostrar-te de longe e pôr a mão no coração. Que alegria e emoção que passaram os meses, e que tu fosses crescendo dentro de mim como um campeão!

Por fim chegou o momento de nasceres, porém devias de estar tão a gosto que te resistias a sair. Me programaram teu nascimento para o dia 26 de novembro. Sim, já sabíamos o dia em que íamos te conhecer! Porém, como já te contei, és um menino do ano de 2020, *uma criança pandémial*, e decidiste nascer por tua conta, nada de programações, um bebê decidido!

Foi um trabalho duro, com muito medo de que, neste mundo de pernas para o ar, houvesse alguma complicação. Após umas horinhas na madrugada, muito rápido, pela manhã, te tinha em meus braços: te abracei, te beijei e chorei de alegria. Te olhava e somente podia ver-te como um presente milagroso. Uma felicidade e emoção a flor da pele invadia cada poro de meu corpo, sensação que todavia hoje, quando escrevo estas linhas, permanece. Olhar-te, tocar-te, cheirar-te, escutar-te... *sempre me recarrega as pilhas*.



Quando tinhas cinco meses, foste contaminado pela *covid*. De novo, o medo me invadiu. Meus pensamentos voavam até tantas pessoas que haviam passado pelo mesmo e, pior, que haviam perdido a algum de seus seres queridos. Porém, de novo te repito: és um *bebê pandemiaL*, forte ante a adversidade. Saíste garboso e respiramos com alívio.

Chegou o dia 31 de dezembro: todo o mundo maldizendo o ano 2020 que terminava, enquanto eu sentia o coração cheio de **gratidão** por ser o ano em que te tivemos entre nós. A ti, Pablo, vão dedicadas estas linhas, desde o amor profundo e indescritível que originaste em mim num 18 de março de 2020. Quando todo o mundo recebia más notícias, tu chegavas para trazer-nos uma luz intensa, com a qual ter ilusão nos meses futuros.

Obrigada, Deus, por colocar-te em nossas vidas. Obrigada, Pablo, por fazer-nos regozijar com a vida e permitir que, cada dia, seja uma trepidante aventura cheia de aprendizagens.

Te quero, meu sol. ■

Silvia Vallés
Talleres Nazaré de Zaragoza (Espanha)

Para começar... nos dirias teu nome, teu lugar de nascimento? Além desses dados biográficos, o que dirias de ti mesmo?

Me chamo Roberto Quirós, sou jesuíta e há dois anos me ordenaram sacerdote em Madri. Nasci em Alicante e vivi toda minha vida, até os dezoito anos, em Petrel, um bonito povoado do interior da província dedicado, principalmente, à indústria do calçado. Se tivesse que dizer algo de mim mesmo diria que sou uma pessoa simples, serviçal, às vezes um pouco insegura, porém, sobretudo, alguém enamorado de sua vocação religiosa e do projeto de Jesus de levar o Reino de Deus a todos os rincões do mundo.

Agora estás destinado num colégio. Qual é o teu trabalho concretamente?

Este é o meu primeiro ano no colégio Nossa Senhora da Memória, localizado em Madri, assim como minha primeira missão como jesuíta ordenado. Meu trabalho no colégio consiste em ser professor de religião católica no 1º e 2º ano do ensino médio, tutor de uma classe de 1º ano, coordenador de pastoral do ensino fundamental e médio e encarregado do departamento de religião do colégio. Por fim, muitos cargos que se podem traduzir num trabalho tão simples como tentar transmitir aos alunos os conteúdos básicos da fé católica, cuidar e acrescentar sua fé através de meu sacerdócio, compartilhar seus sonhos e aspirações vitais e acompanhá-los em suas dificuldades cotidianas. Isto é o que constitui meu dia a dia no colégio e no que se concretiza.

Estamos celebrando o ano inaciano, o 500º aniversário de uma ferida que mudou o curso da história de Inácio de Loyola. Crês que hoje segue havendo feridas assim?

Por suposto que pode haver feridas pessoais profundas que produzam mudanças na vida das pessoas. No entanto, para que essas feridas nos levem a mudar de vida de uma forma radical e completa, é necessário dedicar tempo à oração e ao silêncio; tempo para redescobrir o significado do que passou, o porquê da ferida, o sentido que esta tem para Deus e assim acolhê-la como sinal que nos mova e transforme em uma nova forma de ser e estar no mundo, mais humana e de acordo com a vontade do Senhor. O problema principal na sociedade atual é que, as feridas que temos, costumamos tapá-las com coisas materiais, que simplesmente fazem que estas deixem de sangrar momentaneamente. Santo Inácio, no entanto, deixou que o tiro transformasse sua vida, ainda que não fosse algo fácil. Em sua casa de Loyola entrou alguém abatido, desumano em seu ego e aspirações pessoais, porém saiu um homem que soube entender que, detrás dessa ferida, Deus lhe mostrava um caminho novo. No entanto, não seria até chegar à Manresa, através de uma vida simples e de profunda oração, quando descobriria o verdadeiro princípio e fundamento de sua vida, e entenderia que sua



enfermidade, mais que uma desvantagem, lhe permitia caminhar a um ritmo mais suave, mais pausado e firme, por fim, mais de acordo com o seu novo modo de vida que Deus lhe estava propondo.

Como vêes a teus alunos? Quais crês que são as principais feridas dos jovens? Como tratas de aproximar-te delas?

Se sou sincero, não somente em meus alunos, senão também em famílias, professores e pessoal do colégio vejo essas feridas. É algo inato a nossa condição humana. Se falamos de meus estudantes, este ano pude comprovar que suas principais feridas vêm motivadas pelas auto exigências relacionadas com os estudos. No ensino médio existe uma preocupação, às vezes desmedida, por tirar a nota mais alta possível, que lhes dê acesso à profissão que lhes assegure um futuro profissional promissor. Outra ferida que vejo de forma generalizada, não somente entre meus alunos, senão nos jovens em geral, são as provocadas pela não aceitação do físico. As redes sociais estão implantando modelos de beleza superficiais que geram em nossos jovens muita frustração ao ver que não encaixam nesses padrões, que por todos os lados se apresentam como exitosos e perfeitos. A isto se somam as feridas provocadas por motivos familiares, como pode ser a separação dos pais ou a perda de um ser querido, especialmente agora, em tempos de pandemia.

Minha maneira de aproximar-me a estas realidades é tentando ser um jesuíta de portas abertas, alguém que tem seu espaço disponível para eles 100 % de seu tempo. Quando te aproximas de suas vidas, lhes perguntas e és próximo na sala de aula, os alunos se abrem contigo de uma forma muito natural. Te contam seus sonhos, porém também tudo aquilo que lhes provoca mal estar e que necessita ser curado. É aí quando se inicia um acompanhamento mais pessoal através da conversação e o conselho pastoral. Às vezes não nos damos conta do grande papel que temos os religiosos e colaboradores nos colégios, pois, ainda que com nossos limites pessoais, podemos ser uma grande luz para tantos jovens que necessitam de nosso apoio e carinho.

Como descobriste tua vocação?

Para responder a esta pergunta necessitaria escrever um livro, porém indo aos fatos mais importantes de minha vida poderia dizer que tudo começou em Manresa (sem querer copiar Santo Inácio). Quando tinha 17 anos participei, com as Filhas de São José e um grupo de jovens monitores, num campo de trabalho de verão com adolescentes em situação de exclusão social, num centro de acolhida.

Depois de passar umas semanas compartilhando a vida com esses jovens, as Irmãs levaram todo o grupo de monitores à sua casa de Manresa, para ter um tempo mais tranquilo no qual pudéssemos acolher essa experiência de serviço de forma mais profunda. Além disto, aproveitávamos para ir à «Cova» e conhecer algo mais daquele santo, desconhecido para mim até aquele momento, chamado Inácio de Loyola. Lembro que o primeiro ano que fui a esse lugar não senti nada de especial, mais que a estranheza de pensar em como alguém podia haver passado tanto tempo rezando naquela cova. Aos 18 anos repeti a experiência e nesta vez senti empatia de uma forma muito mais profunda com as vidas e feridas dos adolescentes do centro. Isto foi de tal modo que, quando voltamos a Manresa e, sendo assim, de novo a visitar a «Cova», me lembro de estar sentado ali, contemplando as cruces gravadas por Inácio na rocha e sentindo um profundo chamado a cuidar e dedicar minha vida aos outros. Imediatamente ao sair dali, falei com Irmã Pilar e ela me levou a conversar com o padre Oriol Tuñí, quem, sabiamente, me passou o contacto de Pep Buades, um jovem jesuíta que trabalhava em nosso colégio de Alicante, para que começasse um acompanhamento com ele, o qual duraria quase dois anos. Devo dizer que, ainda que tenha entrado na Companhia muito mais tarde, com 26 anos, este acontecimento foi o verdadeiro início e descobrimento de minha vocação religiosa, algo que não teria sido possível se Deus não tivesse posto em minha vida as Filhas de São José, pois através de vós conheci a beleza da vocação na Companhia de Jesus.

Depois destes anos que levas na Companhia, e no contexto deste ano iniciano, o que é que, pessoalmente, mais te impacta da vida de Inácio.

De Inácio me impacta praticamente tudo o que conheço, porém concretamente seu desejo profundo de cuidar e curar os homens e mulheres de seu tempo, de fundar uma ordem que levasse o Evangelho

a todos os rincões do mundo através da pregação e o exemplo de vida. E o que mais me impacta e impressiona é que, apesar deste grande desejo de ser missionário que tinha, passou grande parte de sua vida dirigindo a Congregação desde seu escritório em Roma e escrevendo cartas para animar aos jesuítas e dirigir seus passos lá onde estes se encontravam. Isto, sem dúvida, me fala de Inácio como um exemplo de homem disponível que venceu seus desejos pessoais de ir de um lugar para outro, para fazer o que Deus tinha destinado para ele, dirigir desde Roma a atividade missionária e urbana da recém fundada Companhia de Jesus.



Seguramente que te lembras das Filhas de São José de Petrel.

Muitas coisas me vêm à cabeça, pois as Irmãs eram parte da vida de minha paróquia, a Santa Cruz, num momento de muita atividade pastoral. Ana, Cruz, Joaquina e Pepa Luisa formavam a comunidade com a qual eu tive um contato mais direto. Em minha juventude foram Cruz e Ana as que colaboravam com maior assiduidade em minha paróquia. Delas me questionava muito como uma comunidade de pessoas tão diferentes podia viver em harmonia; também, sua forma de viver sua vocação encarnada num ambiente operário e paroquial e, sobretudo, a energia e alegria que sempre mostravam em tudo o que faziam.

Recordo de forma especial o sorriso e ternura de Cruz cada vez que coincidia com ela nos salões paroquiais ou às sextas-feiras no dispensário de Caritas, atendendo a tantas pessoas necessitadas. Ana Fonseca foi minha catequista de confirmação e a pessoa que me convidou ao campo de trabalho. Muitas vezes me vem à cabeça o momento no qual cheguei à paróquia com a direção de Pep Buades escrita num pequeno papel. Quando contei à Ana, ela me levou de carro a Alicante para que tivesse minha primeira entrevista. Como esquecer essa viagem na qual, apesar de meu nervosismo, ela me transmitiu uma enorme paz e a vontade de pôr tudo nas mãos de Deus. Ana sempre me acompanhou em meu processo de fé com muito carinho e em tudo momento me senti muito apreciado por ela e pela comunidade. Ainda que passassem vários anos sem saber muito delas, já que viajei até Salamanca para começar a universidade, me sinto muito abençoado neste momento, porque Deus a colocou de novo em minha vida e, ainda em meio de nossas ocupadas agendas, compartilhamos alguma mensagem para pôr-nos ao dia a respeito de nossas vidas.

O que dirias a nós, irmãs e leigos da Família Josefina?

Pois eu vos diria algo muito simples, porém que toca o coração do evangelho e a espiritualidade inaciana. Diria que seguisseis olhando o mundo com olhos de ternura, como essa realidade onde Deus se faz presente através dos rostos das pessoas que o habitam, especialmente dos mais vulneráveis, aqueles que sofrem a injustiça e a pobreza. O Senhor vos necessita, nos necessita, para seguir construindo seu Reino de amor e paz, nos quer tal e como somos, com nossos dons e debilidades. Segui mantendo o coração ardoroso através da oração, especialmente neste contexto tão material no qual vivemos, pois as pessoas têm necessidade de homens e mulheres de Deus que as acompanhem e falem desde a esperança e o amor que nos dá o sentir-nos filhos do mesmo Pai. Vos diria que sejais audazes, apesar de que as vocações sejam menos. Não nos prendamos a obras que já estão ultrapassadas, senão que saibamos responder às necessidades e feridas que o mundo apresenta e que requerem uma presença viva e um amor desinteressado.

Vos mando um forte abraço e minha humilde oração a todas as Irmãs e Família Josefina. Obrigado por vossas vidas entregues ao serviço do Reino! Com muito carinho.

Roberto Quirós, s.j.
Madri (Espanha)

**"ÀS VEZES
TUA ALEGRIA
É A FONTE
DE TEU SORRISO,
PORÉM ÀS VEZES
TEU SORRISO
PODE SER
A FONTE
DE TUA ALEGRIA".**

Thich Nhat Hanh
MONGE BUDISTA



JANEIRO 2022

SEGUNDA-FEIRA TERÇA-FEIRA QUARTA-FEIRA QUINTA-FEIRA SEXTA-FEIRA SÁBADO DOMINGO

27	28	29	30	31	1	2
Santíssimo Nome de Jesus Jo 1, 29-34	Santa Genoveva Torres Jo 1, 35-42	São João Nepomuceno Jo 1, 43-51	Epifânia do Senhor Mt 2, 1-12	São Raimundo de Peñafort Mt 4, 12-17.23-25	Santa Maria, Mãe de Deus Lc 2, 16-21	II Domingo Natal Jo 1, 1-18
3	4	5	6	7	8	9
Batíssimo Nome de Jesus Jo 1, 29-34	Santa Genoveva Torres Jo 1, 35-42	São João Nepomuceno Jo 1, 43-51	Epifânia do Senhor Mt 2, 1-12	São Raimundo de Peñafort Mt 4, 12-17.23-25	São Severino Mc 5, 34-44	Batismo do Senhor Lc 3, 15-16.21-22
10	11	12	13	14	15	16
Beato Gonçalo de Amarante Mc 1, 14-20	Santo Tomás de Cori Mc 1, 21b-28	São Bento Bisop Mc 1, 29-39	Santo Hilário, bispo e doutor da Igreja Mc 1, 40-45	São Fulgêncio Mc 2, 1-12	São Paulo, ermitão Mc 2, 13-17	II Domingo do Tempo Ordinário Jo 2, 1-11
17	18	19	20	21	22	23
Santa Antão-abade Mc 2, 18-22	Santa Margarida de Hungria Mc 2, 23-28	Dedicado a São José Mc 3, 1-6	São Fabião e Sebastião Mc 3, 7-12	Santa Inês Mc 3, 13-19	São Vicente, diácono Mc 3, 20-21	III Domingo do Tempo Ordinário Lc 1, 1-4; 4, 14-21
24/31	25	26	27	28	29	30
São Feo. São João de Sales Mc 3, 22-30	Conversão de São Paulo Mc 16, 15-18	Stos. Timóteo e Tito Mc 4, 1-20	Santa Ângela de Merici Mc 4, 21-25	São Tomás de Aquino Mc 4, 26-34	São Valério Mc 4, 35-41	IV Domingo do Tempo Ordinário Lc 4, 21-30

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO

**"A ESPERANÇA
NÃO É O MESMO
QUE O OTIMISMO.
NÃO É A CONVICÇÃO
DE QUE ALGO
SAIRÁ BEM,
SENÃO A CERTEZA
DE QUE ALGO
TEM SENTIDO,
INDEPENDENTEMENTE
DE COMO RESULTE".**

Vaclav Havel

ESCRITOR E POLÍTICO



FEVEREIRO 2022

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
31	1 Santa Brígida de Irianda Mc 5, 21-43	2 Apresentação do Senhor Lc 2, 22-40	3 Santo Anscário, bispo, São Brás Mc 6, 7-13	4 São João de Brito Mc 6, 14-29	5 Santa Águeda Mc 6, 30-34	6 V Domingo do Tempo Ordinário Lc 5, 1-11
7 Cinco Chagas do Senhor Mc 6, 53-56	8 Santa Josefina Bakhita Mc 7, 1-13	9 São Miguel Febres Mc 7, 14-23	10 Sta. Escolástica Mc 7, 24-30	11 Nossa. Sra. de Lourdes Mc 7, 31-37	12 Santa Eulália Mc 8, 1-10	13 VI Domingo da Fundação da Congregação Lc 6, 17, 20-26
14 Stos. Cirilo e Metódio Lc 10, 1-9	15 Beato Onésimo Mc 8, 14-21	16 Santa Juliana Mc 8, 22-26	17 Santos Sete Fundadores da Ordem dos Servitas Mc 8, 27-33	18 São Teotônio Mc 8, 34-9,1	19 Dedicado a São José Mc 9, 2-13	20 VII Domingo do Tempo Ordinário Lc 6, 27-38
21 São Pedro Damiano Mc 9, 14-29	22 Cátedra de São Pedro Mt 16, 13-19	23 São Policarpo Mc 9, 38-40	24 Stos. Sérgio e Roberto Mc 9, 41-50	25 São Justo Mc 10, 1-12	26 São Alexandre Mc 10, 13-16	27 VIII Domingo do Tempo Ordinário Lc 6, 39-45
28 São Romão Mc 10, 17-27	1	2	3	4	5	6

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO

**"EXISTE
UMA
ABERTURA
EM TUDO.
ASSIM
É COMO
ENTRA
A LUZ".**

Leonard Cohen
MÚSICO



MARÇO 2022

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
28	1 São Davi de Gales Mt 10, 28-31	2 Quarta-feira de Cinzas Mt 6, 1-6.16-18	3 Stos. Emetério e Celedônio Lc 9, 22-25	4 São Casimiro Mt 9, 14-15	5 Santo Adriano Lc 5, 27-32	6 I Domingo da Quaresma Lc 4, 1-13
7	8 São João de Deus Dia Internacional da Mulher Mt 6, 7-15	9 Sta. Francisca Romana Lc 11, 29-32	10 São Cato Mt 7, 7-12	11 Santa Áurea de São Millán Mt 5, 20-26	12 São Inocência I, papa Mt 5, 43-48	13 II Domingo da Quaresma Lc 9, 28b-36
14	15 São Raimundo de Fitero Mt 23, 1-12	16 São José Gabriel Brochero Mt 20, 17-28	17 São Patricio Lc 16, 19-31	18 São Cirilo de Jerusalém Mt 21, 33-43.45-46	19 São José de Nazaret Lc 2, 41-51a	20 III Domingo da Quaresma Jn 4, 5-42
21	22 São Benvido Scottivoli Mt 18, 21-35	23 São Turbido de Mogrovejo Mt 5, 17-19	24 São Óscar Romero Lc 11, 14-23	25 Anunciação do Senhor Lc 1, 26-38	26 São Bráulio Lc 18, 9-14	27 IV Domingo da Quaresma Jo 9, 1-41
28	29 São Bartolomeu do Mte. Carmelo Jo 5, 1-16	30 São Leonardo Murialdo Jo 5, 17-30	31 Santo Amós, profeta Jo 5, 31-47	1	2	3

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO



**"O AMOR
VERDADEIRO
NÃO ESPERA
SER
CONVIDADO,
ANTES ELE
SE CONVIDA
E SE OFERECE
PRIMEIRO".**

Fray Luis de León
RELIGIOSO, TEÓLOGO E POETA

ABRIL 2022

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
28 São Isidoro Jo 8, 12-20	29 São Vicente Ferrer Jo 8, 21-30	30 São Celestino Jo 8, 31-42	31 São João Batista de la Sale Jo 8, 51-59	1 São Hugo de Grenoble Jo 7, 1-2.10.25-30	2 São Francisco de Paula Jo 7, 40-53	3 V Domingo da Quaresma Jo 11, 1-45
4 Santa Gema Galgani Jo 12, 1-11	5 São Vicente Ferrer Jo 8, 21-30	6 São Celestino Jo 8, 31-42	7 São João Batista de la Sale Jo 8, 51-59	8 São Dionísio de Alexandria Jo 10, 31-42	9 Santa Casilda de Toledo Jo 11, 45-57	10 Domingo de Ramos Lc 22, 14-23,56
11 Santa Gema Galgani Jo 12, 1-11	12 São Júlio I, papa Jo 13, 21-33,36-38	13 San Hermenegildo Mt 26, 14-25	14 Quinta-feira da Ceia do Senhor Jo 13, 1-15	15 Sexta-feira da Paixão do Senhor Jo 18, 1-19,42	16 Nascimento de Francisco Butimhá, SJ Lc 24, 1-12	17 Domingo de Páscoa da Ressurreição Lc 24, 13-35
18 São Apolônio Mt 28, 8-15	19 Dedicado a São José Jo 20, 11-18	20 Santa Inês de Montepulciano Lc 24, 13-35	21 São Anselmo de Canterbury Lc 24, 35-48	22 Stos. Sotero e Caio Jo 21, 1-14	23 São Jorge Mc 16, 9-15	24 II Domingo da Páscoa ou Páscoa da Divina Misericórdia Jo 20, 19-31
25 São Marcos Evangelista Mc 16, 15-20	26 São Isidoro Mt 5, 13-16	27 Nossa. Sra. de Montserrat Jo 3, 16-21	28 São Luis Maria Grignon de Montfort Jo 3, 31-36	29 Sta. Catarina de Sena Mt 11, 25-30	30 São Pio V Jo 6, 16-21	1 Domingo de Ramos

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO

**"SEMPRE QUE TE PERGUNTEM
SE PODES FAZER UM TRABALHO,
RESponde QUE SIM
E COMEÇA LOGO A APRENDER
COMO SE FAZ".**

Franklin Roosevelt
POLÍTICO E ADVOGADO



MAIO 2022

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
25	26	27	28	29	30	1 São José Operário Jo 21, 1-14
2 Sto Atanásio Jo 6, 22-29	3 Stos. Filipe e Tiago, apóstolos Jo 14, 6-14	4 São José Maria Rúbio Jo 6, 35-40	5 São Nunzio Sulprizio Jo 6, 44-51	6 São. Domingos Sávio Jo 6, 52-59	7 Sta. Rosa Venerini Jo 6, 60-69	8 IV Domingo da Páscoa Jo 10, 27-30
9 Sta. Luísa de Marillac Jo 10, 1-10	10 São João de Ávila Jo 10, 22-30	11 Sta. Susana Jo 12, 44-50	12 Stos. Nereu, Aquileu e Pancrácio Jo 14, 16-20	13 Nossa. Sra. de Fátima Jo 14, 1-6	14 São Matias, apóstolo Jo 15, 9-17	15 V Domingo da Páscoa Jo 13, 31-33-34-35
16 São Abdás Jo 14, 21-26	17 São Pascoal Bailón Jo 14, 27-31*	18 São João I, papa e mártir Jo 15, 1-8	19 Dedicado a São José Jo 15, 9-11	20 São Bernardino de Sena Jo 15, 12-17	21 Santos Cristóvão de Magalhães e companheiros Jo 15, 18-21	22 VI Domingo da Páscoa Jo 14, 23-29
23/30 São Desidério de Langres Jo 15, 26-16, 4a	24/31 São Maria Auxiliadora Jo 16, 5-11 Nsa. Senhora Lc 1, 39-56	25 São Beda Venerável São Gregório VII Jo 16, 12-15	26 São Filipe Néri Jo 16, 16-20	27 Sto. Agostinho de Cantuária Jo 16, 20-23a	28 Santo Irineu de Lion Jo 16, 23b-28	29 Ascensão do Senhor Lc 24, 46-53

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO

**"O MAIOR
PRAZER
QUE CONHEÇO
É FAZER
SIGILOSAMENTE
UMA BOA AÇÃO
E DEIXAR
QUE SE DESCUBRA
POR ACIDENTE".**

Charles Lamb
ESCRITOR



JUNHO 2022

SEGUNDA-FEIRA TERÇA-FEIRA QUARTA-FEIRA QUINTA-FEIRA SEXTA-FEIRA SÁBADO DOMINGO

30

Maria, Mãe da Igreja
e Sta. Bonifácia
Rodríguez Castro, SSJ
Jo 19, 25-34

31

São Roberto
Mt 5, 13-16

1

São Justino
Jo 17, 11b-19

2

Santos Marcelino e Pedro
Jo 17, 20-26

3

Stos. Carlos Lwanga
e companheiros
Jo 21, 15-19

4

Santas Noemi e Ruth
Jo 21, 20-25

5

Pentecostes
Jo 20, 19-23

6

Maria, Mãe da Igreja
e Sta. Bonifácia
Rodríguez Castro, SSJ
Jo 19, 25-34

7

São Roberto
Mt 5, 13-16

8

São Salustiano
Mt 5, 17-19

9

Santo Efrém
Jo 17, 1-2, 9, 14-26

10

São Timóteo
Mt 5, 27-32

11

São Barnabé, apóstolo
Mt 10, 7-13

12

Santíssima Trindade
Jo 16, 12-15

13

Santo Antônio de Pádua
Mt 5, 38-42

14

Santo Eliseu
Mt 5, 43-48

15

Sta. Maria Micaela
Mt 6, 1-6, 16-18

16

Santíssimo Corpo
e Sangue de Cristo
Mt 6, 7-15

17

Santos Ismael e Samuel
Mt 6, 19-23

18

São Germano
Mt 6, 24-34

19

Domingo XII
do Tempo Ordinário
Lc 9, 11b-17

20

Beato Tomás Whitbread
e companheiros
Mt 7, 1-5

21

São Luís Gonzaga
Mt 7, 6, 12-14

22

Santos João Fisher
e Tomás Moro
Mt 7, 15-20

23

Nascimento de São João Batista
Lc 1, 57-66, 80

24

Sagrado Coração de Jesus
Lc 15, 3-7

25

Imaculado Coração
da Virgem Maria
Lc 2, 41-51

26

Domingo XIII
do Tempo Ordinário
Lc 9, 51-62

27

São Cirilo de Alexandria
Mt 8, 18-22

28

Santo Irineu
Mt 8, 23-27

29

Stos. Pedro e Paulo, apóstolos
Mt 16, 13-19

30

Primeiros Santos Mártires
da Igreja de Roma
Mt 9, 1-8

1

2

3

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO

**"O AMOR
CRIA VÍNCULOS
E AMPLIA
A EXISTÊNCIA
QUANDO FAZ
A PESSOA
SAIR DE SI MESMA
PARA IR
AO OUTRO".**

Rapa Francisco
FRATELLI TUTTI 88



JULHO 2022

SEGUNDA-FEIRA TERÇA-FEIRA QUARTA-FEIRA QUINTA-FEIRA SEXTA-FEIRA SÁBADO DOMINGO

27	28	29	30	1	2	3
Sto. Isabel de Portugal Mt 9, 18-26	Sto. Antônio Maria Zacarias Mt 9, 32-38	Sto. Maria Goretti Mt 10, 1-7	São Fermin Mt 10, 7-15	Santa Ester Mt 9, 9-13	São Vidal Mt 9, 14-17	XIV Domingo do Tempo Ordinário Lc 10, 1-12, 17-20
4	5	6	7	8	9	10
Sto. Bento, Abade Mt 19, 27-29	São João Gualberto Mt 11, 20-24	Santo Henrique Mt 11, 25-27	São Camilo de Lellis Mt 11, 28-30	Sta. Priscila Mt 10, 16-23	Stos. Agostinho Zao Rong e companheiros Mt 10, 24-33	XV Domingo do Tempo Ordinário Lc 10, 25-37
11	12	13	14	15	16	17
São Bartolomeu dos Mártires Mt 12, 38-42	Dedicado a São José Mt 12, 46-50	São Apolinário Mt 13, 1-9	São Lourenço de Brindes Mt 13, 10-17	Sta. Maria Madalena Jn 20, 1-2, 11-18	Nossa. Senhora do Carmo Mt 12, 14-21	XVI Domingo do Tempo Ordinário Lc 10, 38-42
18	19	20	21	22	23	24
São Tiago, apóstolo Mt 20, 20-28	Stos. Joaquim e Ana Mt 13, 36-43	São Cucufate Mt 13, 44-46	São Pedro Poveda Mt 13, 47-53	Santos Marta, Maria e Lázaro Jn 11, 19-27	Sta. Brígida Jn 15, 1-8	XVII Domingo do Tempo Ordinário Lc 11, 1-13
25	26	27	28	29	30	31
						XVIII Domingo São Inácio de Loyola Lc 12, 13-21

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO



**"A RAIZ
ESCONDIDA
NÃO PEDE
PRÊMIO ALGUM
POR ENCHER
DE FRUTOS
OS GALHOS".**

Rabindranath Tagore

POETA

AGOSTO 2022

SEGUNDA-FEIRA TERÇA-FEIRA QUARTA-FEIRA QUINTA-FEIRA SEXTA-FEIRA SÁBADO DOMINGO

1
Santo Afonso de Ligório
Mt 14, 13-21

2
Santo Eusebio de Vercelas
Mt 14, 22-36

3
Sta. Lídia
Mt 15, 21-28

4
São João M^a Vianney
Mt 16, 13-23

5
Dedicação da Basílica
de Sta. Maria Maior
Mt 16, 24-28

6
Transfiguração do Senhor
Lc 9, 28b-36

7
XIX Domingo
do Tempo Ordinário
Lc 12, 32-48

8
São Domingos
Mt 17, 22-27

9
Sta. Teresa Benedita da Cruz
Mt 25, 1-13

10
São Lourenço, diácono
Jn 12, 24-26

11
Santa Clara de Assis
Mt 18, 21-19,1

12
Sta. Joana Francisca de Chantal
Mt 19, 3-12

13
Santos Hipólito
e Ponciano
Mt 19, 13-15

14
XX Domingo
do Tempo Ordinário
Lc 12, 49-53

15
Assunção da Virgem Maria
Lc 1, 39-56

16
Santo Estêvão da Hungria
Mt 19, 23-30

17
Santa Beatriz da Silva
Mt 20, 1-16a

18
Santa Elena
Mt 22, 1-14

19
Dedicado a São José
Mt 22, 34-40

20
São Bernardo, abade
Mt 23, 1-12

21
XXI Domingo
do Tempo Ordinário
Lc 13, 22-30

22
Santa Maria Rainha
Mt 23, 13-22

23
Santa Rosa de Lima
Mt 23, 23-26

24
São Bartolomeu, apóstolo
Jo 1, 45-51

25
São José de Calasanz
e São Luís de França
Mt 24, 42-51

26
Santa Teresa de Jesus Journet
Mt 25, 1-13

27
Santa Mônica
Mt 25, 14-30

28
XXII Domingo
do Tempo Ordinário
Lc 14, 1.7-14

29
Martírio de São João
Batista
Mc 6, 17-29

30
São Félix
Lc 4, 31-37

31
São Ramón Nonato
Lc 4, 38-44

1

2

3

4

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO

**"A NATUREZA
É A ARTE
DE DEUS".**

Dante Alighieri

ESCRITOR



SETEMBRO 2022

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
29 Sta. Teresa de Calcutá Lc 6, 6-11	30 São João de Rivera Lc 6, 12-19	31 Santa Regina Lc 6, 20-26	1 São Gil Lc 5, 1-11	2 São Antolin Lc 5, 33-39	3 São Gregório Magno Lc 6, 1-5	4 Domingo XXIII do Tempo Ordinário Lc 14, 25-33
5 Sta. Teresa de Calcutá Lc 6, 6-11	6 São João de Rivera Lc 6, 12-19	7 Santa Regina Lc 6, 20-26	8 Natividade da Virgem Maria Mt 1, 18-23	9 São Pedro Claver Lc 6, 39-42	10 São Francisco Gárate Lc 6, 43-49	11 Domingo XXIV do Tempo Ordinário Lc 15, 1-10
12 Santíssimo. Nome de Maria Lc 7, 1-10	13 São João Crisóstomo Lc 7, 11-17	14 Exaltação da Santa Cruz Jo 3, 13-17	15 Nossa Senhora das Dores Lc 2, 33-35	16 Santos Cornélio e Cipriano Lc 8, 1-3	17 São Roberto Belarmino Lc 8, 4-15	18 Domingo XXV do Tempo Ordinário Lc 16, 10-13
19 Dedicado a São José Lc 8, 16-18	20 Stos. André Kim, Paulo Chong e companheiros Lc 8, 19-21	21 São Mateus, apóstolo e evangelista Mt 9, 9-13	22 São Maurício Lc 9, 7-9	23 Beato Pe. Vitor e São Pio de Pietrelcina Lc 9, 22	24 Nossa. Sra. das Mercedes Lc 9, 43b-45	25 Domingo XXVI do Tempo Ordinário Lc 16, 19-31
26 Stos. Cosme e Damião Lc 9, 46-50	27 São Vicente Paulo Lc 9, 51-56	28 Stos. lourenço Ruiz e companheiros, mártires Lc 9, 57-62	29 Santos Miguel, Gabriel e Rafael, arcanjos Jo 1, 47-51	30 São Jerônimo Lc 10, 13-16	1 São Jerônimo Lc 10, 13-16	2 São Jerônimo Lc 10, 13-16

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO

**"NÃO TENHO
TEMPO
PARA
TER
PRESSA".**


John Wesley
TEÓLOGO ANGLICANO



OUTUBRO 2022

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
1	2	3	4	5	1	2
São Francisco de Borja Lc 10, 25-37	São Francisco de Assis Lc 10, 38-42	Santa Faustina Kowalska Mt 7, 7-11	São Bruno Lc 11, 5-13	Nossa Sra. do Rosário Lc 11, 15-26	Sta. Teresa do Menino Jesus Lc 10, 17-24	Domingo XXVII do Tempo Ordinário Lc 17, 5-10
3	4	5	6	7	8	9
São Tomás de Villanueva Lc 11, 29-32	São João XXIII Lc 11, 37-41	Nossa Sra. Aparecida Lc 11, 27-28	São Teófilo de Antioquia Lc 11, 47-54	São Calisto Lc 12, 1-7	São Demétrio de Tessalônica Lc 11, 27-28	Domingo XXVIII do Tempo Ordinário Lc 17, 11-19
10	11	12	13	14	15	16
Santo Inácio de Antioquia Lc 12, 13-21	São Lucas Lc 10, 1-9	Dedicado a São José Lc 12, 39-48	Santa Laura Lc 12, 49-53	Santa Celina Lc 12, 54-59	Santa Teresa de Jesus Mt 11, 25-30	Domingo XXIX do Tempo Ordinário Lc 18, 1-8
17	18	19	20	21	22	23
Santo Inácio de Antioquia Lc 12, 13-21	São Lucas Lc 10, 1-9	Dedicado a São José Lc 12, 39-48	Santa Laura Lc 12, 49-53	Santa Celina Lc 12, 54-59	São João Paulo II Lc 13, 1-9	Domingo XXX do Tempo Ordinário Lc 18, 9-14
24/31	25	26	27	28	29	30
São Antônio São Alonso M ^{re} Claret Rodríguez Lc 13, 10-17 Lc 14, 12-14	Stos. Crisanto e Daria Lc 13, 18-21	São Felicíssimo Lc 13, 22-30	Beato Gonçalo de Lagos Lc 13, 31-35	Stos. Simão e Judas Lc 6, 12-19	São Narciso Lc 14, 1.7-11	Domingo XXXI do Tempo Ordinário Lc 19, 1-10

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO

A photograph of a woman with her eyes closed, wearing a brown shawl and a white headscarf, holding a baby wrapped in a yellow blanket. The background is a cluttered outdoor area with a white plastic basket and other items.

**"SE CONHECÉSSEMOS
O VERDADEIRO
FUNDO DE TUDO
TERÍAMOS
COMPAIXÃO ATÉ
DAS ESTRELAS".**

Robert Rierce

TREINADOR DE BASKET

NOVEMBRO 2022

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
31	1	2	3	4	5	6
Beato Francisco Palauí Lc 17, 1-6	Todos os Santos Mt 5, 1-12a	Comemoração de todos os fiéis defuntos Jo 14, 1-6	São Martinho de Porres Lc 15, 1-10	São Carlos Borromeu Lc 16, 1-8	Santos Zacarias e Isabel Lc 16, 9-15	Domingo XXXII do Tempo Ordinário Lc 20, 27-34-38
7	8	9	10	11	12	13
Beato Francisco Palauí Lc 17, 1-6	Sta. Isabel da Trindade Lc 17, 7-10	Dedicação da Basílica de Latrão Jo 2, 13-22	São Leão Magno Lc 17, 20-25	São Martinho de Tours Lc 17, 26-37	São Josafá Lc 18, 1-8	Domingo XXXIII do Tempo Ordinário Lc 21, 5-19
14	15	16	17	18	19	20
Aprovação da Congregação Filhas de São José Lc 18, 35-43	Santo Alberto Magno Lc 19, 1-10	Santa Margarida da Escócia e Santa Gertrudes Lc 19, 11-28	Sta. Isabel da Hungria Lc 19, 41-44	Dedicação das Basílicas dos Santos Pedro e Paulo Lc 19, 45-48	Dedicado a São José Lc 20, 27-40	Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo Lc 23, 35-43
21	22	23	24	25	26	27
Apresentação de Nossa Senhora Lc 21, 1-4	Sta. Cecília Lc 21, 5-11	São Clemente e São Columbano Lc 21, 12-19	Stos. André Dung-Lac e companheiros Lc 21, 20-28	Santa Catarina de Alexandria Lc 21, 29-33	São João Berchmans Lc 21, 34-36	Domingo I do Advento Mt 24, 37-44
28	29	30	1	2	3	4
Santa Catarina Labouré Mt 8, 5-11	São Saturnino Lc 10, 21-24	Santo André, apóstolo Mt 4, 18-22				

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO

"EM CADA CRIANÇA NASCE A HUMANIDADE".

Jacinto Benavente
ESCRITOR



DEZEMBRO 2022

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
28	29	30	1	2	3	4
Stos. Frutuoso, Martinho de Dume e Geraldo Lc 5, 17-26	São Nicolau Mt 18, 12-14	Santo Ambrósio Mt 11, 28-30	Imaculada Conceição da Virgem Maria Lc 1, 26-38	Santa Bibiana Mt 9, 27-31	São Francisco Xavier Mt 9, 35-10, 1.5-6-8	II Domingo do Advento Mt 3, 1-12
5	6	7	8	9	10	11
Nossa Sra. de Guadalupe Mt 21, 23-27	São Nicolau Mt 18, 12-14	Santo Ambrósio Mt 11, 28-30	Imaculada Conceição da Virgem Maria Lc 1, 26-38	São João Diego Cuauhtlatotzin Mt 11, 16-19	Santa Eulália de Mérida Mt 17, 10-13	III Domingo do Advento Mt 11, 2-11
12	13	14	15	16	17	18
Nossa Sra. de Guadalupe Mt 21, 23-27	Santa Luzia Mt 21, 28-32	São João da Cruz Lc 7, 19-23	São Valeriano Lc 7, 24-30	Santa Adelaide Jn 5, 33-36	São João de Mata Mt 1, 1-17	IV Domingo do Advento Morte de Francisco Butinhá, S) Mt 1, 18-24
19	20	21	22	23	24	25
Dedicado a São José Lc 1, 5-25	Santo Domingo de Silos Lc 1, 26-38	São Pedro Canísio Lc 1, 39-45	Santo Honorato Lc 1, 46-56	São João de Quenty Lc 1, 57-66	Vésperas do Natal Mt 1, 1-25	Natal do Senhor Jo 1, 1-5-9-14
26	27	28	29	30	31	1
Santo Estêvão Mt 10, 17-22	São João, evangelista Jo 20, 1a.2-8	Santos Inocentes Mt 2, 13-18	São Tomás Becket Lc 2, 22-35	São Libério Mt 2, 13-15-19-23	São Silvestre Jo 1, 1-18	

QUARTA-FEIRA JOSEFINA: TODA A FAMÍLIA UNIDA NO TRABALHO FEITO ORAÇÃO



Já conhecem o provérbio: «As palavras, o vento as leva». Por isso, para demonstrar o amor e o carinho nada melhor que passar aos fatos. Um exemplo? A cozinha! O amor expressado numa receita, um pratinho, um menu. A combinação de texturas, sabores e cheiros são capazes de expressar tudo, sem necessidade de palavras.

Por isso, quero compartilhar com vocês *este menu* que é minha experiência de trabalho na cozinha, oportunidade perfeita para suportar aos seres amados, particularmente, a pacientes e trabalhadores do Lar Vicentino, em Tlajomulco de Zúñiga, perto de Guadalajara (México).

Sou, Lidia, filha de São José. Nasci na Guatemala. Agora vivo no Lar Vicentino, que é uma instituição onde pessoas abandonadas encontram acolhida, enfermas, sozinhas e sem recursos. As Irmãs da comunidade, junto com um numeroso grupo de trabalhadores, fazemos o necessário para proporcionar-lhes um lar digno e caloroso.

Concretamente, eu estou na área da cozinha. Quero contar-lhes que este artigo também poderia chamar-se **«TRABALHO E DEDICAÇÃO»**, porque todo trabalho necessita muita dedicação e isto é, precisamente, o que requer a cozinha. Muitos produtos passam por nossas mãos para transformar-se num pratinho feito com amor, porém requer tempo. Assim mesmo, contar com um espaço amplo para cozinhar, com um conceito aberto, encontrar indicações, receitas, imagens de comidas deliciosas, claro está, tudo isso faz parte deste lugar, onde não somente se prepara comida, mas que se acumulam lembranças, aromas que nos acompanham cada dia e encontros pessoais com os demais. É algo incrível.

Levo dois anos trabalhando aqui. Esta é a missão que me encomendaram, ao tempo que vou descobrindo o mais simples e habitual como lugar de encontro com o Deus da Vida, na Oficina de Nazaré, onde *Cristo é louvado no trabalho*.

Estou muito agradecida a Deus por cada experiência, por todas as oportunidades em minha vida e em meu trabalho; mais ainda neste tempo tão difícil da pandemia, no que estamos aprendendo a valorizar o que temos, descobrindo a Deus em cada realidade e acontecimento diário.

A cozinha do Lar Vicentino é um espaço que motiva e entusiasma. É tão especial pelo simples fato de transformar todos os produtos com amor para todos os pacientes e trabalhadores do Lar. Isto faz a diferença de todo nosso menu e dá sentido a nosso trabalho em equipe.

Na cozinha respiramos com gosto em meio de muitas risadas que se escutam por cima dos fogões. Nos acompanha o eco das frigideiras, a batida de panelas e utensílios que, nas gavetas, fazem espaço para receber *novas amigas*, os diferentes aromas de toda uma jornada, as ervas que enchem um armário cada vez mais cheio de ideias. É assim, as histórias começam a escrever-se sem haver planejado. Quando haja uma mudança de menus no dia, *tudo se transforma em tudo*.

Minhas companheiras são pessoas muito simples, trabalhadoras, lutadoras, mães de família, muito disponíveis para realizar seu trabalho com dedicação e empenho, dando o melhor delas. Compartilhamos e desfrutamos da cozinha, inclusive em meio do cansaço. Elas expressam seu agradecimento a Deus por cada jornada de trabalho. Sinto que cada uma valoriza o que Deus pôs em suas mãos: seu trabalho. Creio que o vivem não somente como algo que têm que fazer e já, senão que são cada vez mais conscientes da importância de seu trabalho.



De minhas companheiras admiro a simplicidade, o companheirismo, a alegria e a disponibilidade para realizar um trabalho em equipe, apesar de nossas diferenças. Nos escutamos, acolhemos as diferentes opiniões e, com criatividade, decidimos o melhor para o trabalho. Em alguns momentos, tenho a oportunidade de conversar com elas sobre *nossa missão*, a que compartilhamos no Lar, como filhas de Deus e mulheres responsáveis, que vivem seu trabalho como serviço e meio de santificação.

Na Congregação, fui descobrindo que é possível irmanar *oração e trabalho*. Com frequência imagino a vida de Jesus de Nazaré em sua Oficina, junto a Maria e José, fazendo as tarefas com alegria, louvando sempre a Deus. Assim vivo minha vocação, o chamado a segui-lo e trabalhar com Ele: na busca constante do querer de Deus em cada uma das coisas simples que realizo, neste lugar no qual me desenvolvo, com a certeza de que Deus vai sendo meu mestre no Taller e em cada experiência, aprendendo de nosso Pai José, modelo de trabalhador, justo, simples e oculto. Às vezes pensamos que a santidade nos exige atitudes extraordinárias, porém não necessariamente é assim, senão que é no dia a dia aonde nos realizamos como filhos de Deus.

Descobri que posso louvar a Deus sempre, em qualquer lugar, em qualquer momento ou circunstância da vida. Porém, por vocação, estou chamada a responder especialmente no trabalho, com alegria, responsabilidade e dedicação. Deus quer que aí me realize como pessoa e sua criatura, e esta é a oportunidade que diariamente o Senhor põe diante de mim: descobri-lo no simples e no cotidiano, fazendo do trabalho não somente um meio de sustento econômico, mas lugar de santificação, convidando a minhas companheiras a vivê-lo também assim. Com elas compartilho este sentido do trabalho. Falamos sobre isto enquanto cozinhamos e juntas nos animamos a louvar e bendizer a Deus nesta tarefa, compartilhada ombro a ombro, *na qual buscamos servir melhor aos demais*. Assim, não sentimos pesada a jornada de trabalho, pois tudo se torna leve. Acreditem que é algo muito bonito, porque nos dá a satisfação de fazer de nosso trabalho uma história de amor.

Da cozinha do Vicentino saem muito mais que comidas. Saem pratos imprescindíveis para alimentar o corpo dos pacientes e também pequenos detalhes que nutrem o coração. Por aí dizem, e com justa razão, que «nosso paladar está em nosso cérebro», porque todos esses cheiros, sabores, texturas... imersos num pratinho, quando cozinhamos e os provamos, fazem que nosso cérebro libere endorfinas, dopamina e esses hormônios que chamam *da felicidade*. Se nós aprendemos da



cozinha como um laboratório de emoções, a vida nos será mais fácil, mais feliz e mais relaxante, e desfrutaremos de muitos momentos de alegria, onde o sorriso nasce à flor da pele.

Cozinhar é contar histórias. É algo tão simples e, ao mesmo tempo, tão complexo como sentar-se e criar um romance sobre nós mesmas através de um pratinho. Tem muito de conviver em família, saboreando diferentes sabores, cheiros... É progressivo compartilhar a vida, compreendendo o próprio esforço como a maneira concreta de dar-se por inteiro para o bem dos demais.

Cozinhar é contar histórias, às vezes, ao convidado, às vezes, a si mesmo. Aqui, os protagonistas dessas histórias são os pacientes e trabalhadores do Lar, dos que nos fazemos parte. Porém, às vezes, também *nos inventamos*, junto com eles, com amor e criatividade.

Me despeço compartilhando uma oração que costumo repetir interiormente:

*«Aqui estou, Senhor, para fazer tua vontade,
quero santificar-me no quotidiano, no escondido, no anônimo,
no lugar onde Tu me necessitas cada dia,
na fidelidade que requerem as coisas simples que faço,
aí quero me santificar.
Usa meus talentos, minhas mãos, minha mente e meu coração.
Quero todos os dias responder ao que Tu queres, com simplicidade e alegria,
sempre como expressão de amor».* ■

*Lidia Tzunún, f.s.j.
Comunidade do Lar Vicentino (Guadalajara – México)*

«Porém o tempo é vida, e a vida reside no coração».

Michael Ende



Uma honesta felicidade está ao alcance de todos

É o que mais nos motiva neste ambiente de desespero, de tristeza, de ausência de valores, de não saber dar sentido à vida, de falta de ilusão pelo trabalho, e por um trabalho que esteja bem feito, com responsabilidade... E nos leva a reafirmar uma sólida convicção: que hoje o Carisma Josefino é vida, está ao alcance de todos, fortalece nossa sede de felicidade... Ao levar-nos no coração.

Ao começar o ano escolar de 2020, e em meio a situação de pandemia, como em tantas ocasiões, nos reunimos no Lar P. Butinhá as Irmãs e os leigos pertencentes à Oficina de Nazaré. Porém aquela ocasião ia ser especial: queríamos criar num projeto comum o que íamos sentindo como chamada à missão compartilhada. O ponto de partida, uma pergunta, das mais simples e das mais fecundas: «O que faria Francisco Butinhá por estas jovens hoje?»

O fruto desta reflexão foi uma progressiva implicação dos leigos nas atividades do Lar, desde a colaboração na cozinha até muitas atividades de atenção direta às jovens. Porém não só isso, não só o que fazemos, senão como o fazemos e, sobretudo, o que representa em nossas vidas. A consciência de participar juntos na missão josefina, na missão de Jesus, representa um impulso de vida, de pertença e uma grande alegria.

Assim o compartilhamos, nestes pequenos traços de vida que revelam um propósito maior:

Ricardo: Frente a realidade de jovens sem formação para o trabalho, nenhum interesse pelo bem estar de sua família, cresce em mim o desejo de acompanhar estes processos de vida neles. Dói quando a resposta é mínima e à maior dificuldade chegam. A sociedade do consumo e do fácil não favorece a **«honesta felicidade»** que encontramos em Nazaré... Porém eu continuo constante... Há muitos jovens e algo fica no íntimo deles... Quando se começa a trabalhar com os rapazes, já não se pode deixar. E era eu quem dizia à minha esposa: «Não te envolvas na vida das adolescentes do Lar P. Butinhá»!

(Ricardo é engenheiro, como Fernanda, sua esposa. Ambos constituíram uma pequena empresa. Nesta empresa vão admitindo jovens sem trabalho, muitos deles, sem estudos, e lhes vão promovendo).

Fernanda: Um dia cheguei ao Lar querendo ajudar na cozinha, porém me convidaram para conversar com uma adolescente. Pôr-se em atitude de escuta é envolver-se, eu sabia... O compartilhar das adolescentes me fez visualizar a situação de tantos jovens que vivem sem dar sentido à sua vida, a seu fazer, sem ter lugar na nova sociedade, em silêncio, devorados pela droga ou pelo álcool e vivem meio sem rumo... Apesar das recomendações de Ricardo, me envolvi, e hoje sinto que minhas idas e voltas ao Lar Padre Butinhá me animam a viver desde ali o Novo Nazaré que vou descobrindo.

Aidé: Me vi espelhada em Marta, atarefada num serviço gratificante, como foi o assistir a várias famílias com o almoço. Em uns momentos de reflexão, senti que estava ficando sozinha,



que estava deixando de lado a minha família, que as outras urgências pessoais e comunitárias eram para «quando pudesse»... Nesses momentos tão bonitos de interiorização de Nazaré, percebi que o Senhor segue chamando a minha porta e me convida a saber unificar as atitudes de Marta e Maria, isto é, saber fazer de meu trabalho simples, de acolhida e escuta, um louvor. Já não vivo com tensões. Sinto que tudo são momentos de família, de comunidade, de serviço que produzem em minha felicidade.

(Aidé não o diz, porém foi a pioneira. Ela começou a colaborar na cozinha do Lar e seu exemplo animou a outros).

Cecilia: Sempre me chamou a atenção a mudança e rapidez com que as adolescentes e jovens buscam ser mães e deixar o lar familiar... O que posso fazer? É a pergunta que constantemente ressoa em meu coração... Hoje, com grande alegria, porém ao mesmo tempo com muita responsabilidade, vou acompanhando, desde a escuta e ajuda nas tarefas, às adolescentes do Lar Padre Butinhá e também à alfabetização de mulheres do bairro Balastro 1 (zona de nossa missão). Em Nazaré se ensina a pescar e a vivenciar o vivido.

Laura: Trabalhar no Lar para mim é muito mais que cozinhar, preparar a mesa ou ensinar a costurar, é compartilhar a vida, compartilhar uma palavra de consolo, um gesto de carinho. Para mim é pôr em prática o amor, é ver a Jesus em cada olhar das pessoas que encontro allí. Sempre recebo mais do que dou. O Lar é, como sempre digo, minha segunda casa, onde posso viver Nazaré no serviço ao próximo, onde é possível louvar a Deus do trabalho simples.

E outros muitos sinais de vida...

Nem tudo está aí, no Lar... A Família Josefina de Fontana, desde sua experiência de um Deus próximo e presente nos irmãos, vive o seu compromisso social com outras necessidades do contexto:

- Recolhida e entrega de roupa em São Paulo, zona de *nossa missão*. Quando falamos de *nossa missão* nos referimos às áreas onde, desde vários anos, realizamos a atividade de missão que compartilhamos com a Família Josefina de Burzaco e Itá.
- Almoços para as famílias das adolescentes, aos sábados, nos meses mais fortes da pandemia, que por não ter refeitório paroquial se encontravam em graves apuros. Nesta tarefa colaboramos todos: Irmãs, Talleres e os animadores se envolveram na entrega das comidas.
- Colaboramos para conseguir produtos necessários para as adolescentes do Lar.

Porém o mais significativo e, por isso, o mais importante, é que o projeto de **missão** do Lar Padre Butinhá em Fontana é projeto que dá **vida e sentido** à nossa Família Josefina. **É NOSSO PROJETO.** ■

*Família Josefina de Fontana-Chaco (Argentina)
Irmãs e leigos dos Talleres de Nazaré*

*A missão é o que o amor não pode calar.
A Igreja segue a Jesus Cristo pelo caminho que a leva a cada homem,
até os confins da terra.*

Cfr. At 1,8

Existe um lugar, num pequeno beco de Burzaco, muito castigado pela droga, a violência e o desemprego, ao qual chegam crianças, jovens, adolescentes, futuras mães, famílias inteiras buscando, por causa da necessidade, a comida quentinha. Esse é «O refeitório de Ivi», de nossa querida Ivi, quem desde alguns anos organiza a ajuda com simplicidade e humildade.

Desde o ano 2017, quando recebemos o convite do Papa Francisco a viver a «Jornada Mundial dos Pobres», Irmãos e leigos, unidos num gesto solidário, nos programamos para não somente realizar uma jornada que nos fizesse próximos aos mais necessitados, senão comprometer-nos num **Projeto Comum** para chegar aquilo que queremos viver e tantas vezes rezamos: NAZARÉ. Nos confirmamos, dia a dia, em que viver Nazaré não tem tempos, se conjuga sempre e de muitos ou de todos os modos possíveis.

«Estamos chamados, portanto, a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, a olhá-los nos olhos, a abraçá-los, para fazê-los sentir o calor do amor que rompe o círculo de solidão. Sua mão estendida para nós é também uma chamada a sair de nossas certezas e comodidades, e a reconhecer o valor que tem a pobreza em si mesma». Papa Francisco, Jornada Mundial de Pobres 2017.

Uma vez por mês organizamos o almoço ou sobretudo buscamos passar TEMPO com as pessoas que chegam ao Refeitório, desde os menores até os idosos. Neste tempo tão particular que nos está tocando viver, o Refeitório segue funcionando com normas e protocolos, porém não fechou as



portas porque a necessidade é cada vez maior..., não somente do alimento, senão do coração. As pessoas que se aproximam recebem sua comida, algumas provisões para poder passar a semana e uma mão estendida que conhece sua realidade e a acompanha.

Entre as atividades do Taller, exercitamos a virtude de compartilhar recursos materiais e espirituais em liberdade e desinteressadamente. A generosidade guia até o Refeitório à família do Taller para entregar nosso tempo com alegria, compromisso e entusiasmo; o entusiasmo que brota do coração quando, com nossas mãos, elaboramos o alimento para que os que menos têm possam saciar suas necessidades, ao menos, um pouquinho.

Parte de nosso Projeto tem como objetivo oferecer cursos profissionalizantes (*Eletricidade, Cozinha e Recursos para o emprego*), que ofereçam ferramentas para o trabalho aos jovens e não tão jovens, que lhes ajudem a descobrir seu projeto de vida.

Quanto fica por fazer! Esperamos que passe logo este período de isolamento e possamos novamente reunir-nos, sentar-nos juntos à mesa.

Vamos pondo em cada encontro nossos dons pessoais e a grande força de sentir-nos Família. Sonhamos com pequenos passos que nos animaremos a dar porque nos sabemos fortalecidos pelo objetivo comum que nos une como Família Josefina, que vive e celebra um modo, um estilo próprio, próximo, simples, serviçal. Assim entendemos e queremos viver a **Missão Compartilhada**, sendo pequenas chamas no mundo do trabalho, em meio a esta realidade que sofre porém que está cheia de esperança e de possibilidade.

Como grupo dos Talleres vamos ao Refeitório com as mãos cheias de amor, para dar sem calcular, para fazer o bem ao que não pode retribuir-nos. Cada um de nós escutou o chamado e sente o olhar inocente e desprotegido dos excluídos e necessitados. Nunca é tarde e sempre existe algo para fazer!

Obrigado, Senhor, por permitir-nos DAR A TEMPO porque sempre, sempre, há tempo para DAR quando desde o coração buscamos encontrar-te entre os menores do Reino. ■

Alicia Godoy
Talleres Nazaré de Burzaco (Argentina)



É difícil não mencionar a pandemia em tudo o que vamos vivendo. Quando começamos a falar deste tema, reconhecemos um *antes* e um *depois*. Tudo o que passou nos ajudou a valorizar cada momento compartilhado com cada uma das pessoas que fazem parte de nossa vida. Ao pensar nas Irmãs me vem uma passagem do Evangelho: **«Ninguém tem maior amor do que o que dá a vida pelos amigos»** (Jo 15,13). Seu significado o aprendi com elas, vendo como tudo dão à comunidade e muito mais neste tempo de pandemia. Onde muitos abaixaram os braços, elas seguem mais firmes que nunca, exemplo para nós, grande apoio para tantas pessoas que têm medo ou angústia.



Compartilhar com elas este caminho de viver Nazaré é uma das experiências mais maravilhosas que me passou. Sempre pensei que seguir a Jesus era mais protocolar, como mais formal. Com as Irmãs aprendi que Jesus está no simples, no cotidiano, e o vejo, cada vez que compartilho com elas, em seu atuar, em suas palavras e, sobretudo, o vejo em seu silêncio, esse silêncio desde o que contemplam a Oficina de Nazaré, esse instante onde tudo se resume na cena na qual Jesus, José e Maria estão no casebre louvando a Deus e logo isso se revela no serviço aos demais.

A comunidade josefina é uma peça fundamental em meu crescimento espiritual. Me impressiona ver que elas deixam tudo (de fato, essa é a Vida Consagrada). Agradeço sua entrega, essa que não se vê em todos os lados, essa entrega que motiva e serve de exemplo.

Hoje eu também me sinto parte da missão josefina que se realiza neste pedacinho de terra guarani, através dos diferentes serviços que os animadores Nazaré realizamos. Colaboramos diretamente com a paróquia São Brás, no serviço de liturgia e de catequese, nos encarregamos de preparar as crianças para sua primeira comunhão e confirmação, acompanhamos a várias capelas onde fizemos missão, além de muitas outras atividades solidárias e, obviamente, vamos adiante com nosso serviço de animação e acompanhamento das crianças do Grupo Nazaré, que dá origem a estes outros serviços. É realmente uma experiência maravilhosa e única sentir-se parte de toda esta vida entregue.

É impossível não mencionar e agradecer ao P. Butinhá, o primeiro em entregar-se de forma completa a este estilo de vida, que hoje suas filhas seguem com tanta fidelidade. Sinto gozo e alegria ao escrever estas linhas porque, de uma ou outra forma, posso plasmar o que significou para mim descobrir e fazer parte da grande Família Josefina.

Seguimos caminhando em companhia de Jesus, José e Maria, sob o olhar e intercessão do Padre Butinhá. ■

Lourdes Topacio
Animadora Nazaré de Itá (Paraguai)



O colégio Libermann, onde atualmente trabalhamos, foi fundado em 1952 pelos padres espiritanos, de onde lhe vem o nome atual (Libermann é o fundador destes religiosos). Porém, após alguns anos de experiência, o bispo Mgr Bonneau (1947-1959) se dirigiu aos padres jesuítas da Província da França para que se fizessem cargo da direção do estabelecimento.

Esta tarefa teve início desde as origens da fundação da Companhia, no que se refere a apostolado da educação. Precisamente, foi em 1547 quando os jesuítas fundaram seu primeiro colégio na vila de Messine (Itália), já que sentiam a necessidade de formar adequadamente a seus primeiros companheiros, porém, ao mes-

mo tempo, se perguntavam porque não admitir também a outros jovens, que não fossem jesuítas.

Foi em julho de 1957 quando a primeira equipe de seis jesuítas¹ desembarcou em Douala, no colégio Libermann. Os primeiros companheiros designados para formar a equipe de educadores com outros religiosos sempre recordarão que a expectativa era grande, tão grande como o era a reputação da educação oferecida pelos jesuítas. Tinham legítimas preocupações e se perguntavam se estariam à altura das expectativas. O posterior progresso demonstrou que estas preocupações não tinham razão de ser, já que os resultados sempre foram muito bons. Nesse momento, os objetivos do colégio Libermann eram infundir um humanismo cristão baseado na pedagogia inaciana, nos jovens que se preparavam para fazer-se cargo dos destinos de seu país nas vésperas de sua independência. Em 2022, esta instituição educativa celebrará os setenta anos de sua existência. Setenta anos a serviço da educação, da formação intelectual, espiritual e humana.

«Acompanhar aos jovens na criação de um futuro cheio de esperança»² é uma das quatro preferências apostólicas da Companhia de Jesus para os próximos dez anos. A juventude, especifica o padre Arturo Sosa SJ, Superior Geral, é a etapa da vida humana onde cada pessoa toma as decisões fundamentais pelas que se insere na sociedade, busca dar sentido à sua vida e realiza seus sonhos. Acompanhar este momento de crescimento, propondo uma experiência de discernimento e de aproximação à Boa Nova de Jesus Cristo, proporciona uma ocasião excepcional para mostrar o caminho até Deus, um caminho que passa pela solidariedade entre os seres humanos e a construção de um mundo mais justo. Esta preferência apostólica vem confirmar o que já fazemos com os jovens todos os anos, especialmente neste continente e este país, Camarões, imerso numa crise multidimensional, com muitas dificuldades de caráter estrutural, político, econômico e sociocultural.



O Sínodo da Juventude, em 2018 já reconheceu nos jovens e no que experimentam o lugar onde a Igreja quer estar para perceber e discernir a presença do Espírito Santo neste momento da história humana. Os pobres e os jovens são lugares teológicos complementários, que se sobrepõem. Em

1 A primeira equipe de jesuítas (puramente ocidental) estava composta por Luc-Antoine Bouvard, reitor, Jean Geli, prefeito de estudantes, Père Charles Jacquet, como pai espiritual, Père Bureau, Père Éric De Rosny e o Irmão Venard, professores. Sua missão : continuar a obra começada pelos espiritanos.

2 Carta do Superior Geral à Companhia de Jesus, 6 de fevereiro de 2019.

Camarões, a grande maioria dos jovens são também pobres e enfrentam enormes desafios no contexto atual: a diminuição de ofertas de emprego que assegurem uma estabilidade econômica, o auge da violência política, as múltiplas formas de discriminação, a progressiva degradação do meio ambiente... Tudo isto faz que lhes resulte difícil encontrar um sentido para sua vida e entrar na experiência de Deus.

Com uma equipe formada por jesuítas, uma religiosa e vários leigos, se oferece aos estudantes algumas atividades, que se realizam regularmente, como retiros espirituais de três dias para os alunos que estão no seu último ano na universidade, outro tipo de retiros e encontros com temas bem escolhidos, «Natal solidário» (esta é uma atividade festiva para algumas crianças órfãs da cidade de Douala, escolhidas segundo os critérios inicianos como atender aos mais abandonados e lá onde se pode fazer o maior bem) ou «Retorno às fontes» (uma atividade cultural para favorecer a convivência neste país, com mais de sessenta grupos culturais, sem esquecer os não camaroneses).

Pessoalmente, como pai espiritual, meu escritório permanece aberto para acolher e escutar aos jovens sempre que o necessitem. Seus pais e o pessoal do colégio também são bem-vindos. Ali me encontro com rapazes que vivem em famílias monoparentais, ao cuidado de avós já «cansados», famílias desestruturadas; jovens engajados às redes sociais, enganados e pondo em perigo sua saúde e sua vida, cegos em sua busca de afeto, divididos entre a cultura moderna e a de sua família, etc. Por fim, me encontro, diante do desafio de famílias inseguras, com falta de discernimento frente à cultura e os efeitos «negativos» das redes sociais no crescimento humano dos jovens.

Junto a isto, durante os tempos de acompanhamento e nos retiros espirituais sigo sendo testemunha das maravilhas de Deus na vida de muitos deles, escolhendo, por exemplo, a via da reconciliação com os pais, consigo mesmos e com Deus; em outros casos, dando às costas a caminhos equivocados, ou reconhecendo sua própria fragilidade. Com a ajuda do Senhor, através da escuta e os encontros individuais, trato de caminhar com eles oferecendo-lhes meios para encontrar a paz e a confiança. E vejo, ao fim de um tempo, frutos, tanto a nível acadêmico como social.

Certamente, se temos em conta o conjunto de 2,6 milhões de alunos na cidade³, o seguimento de 2000 rapazes no colégio Libermann pareceria uma gota d'água no oceano. Porém seguimos apostando por isto, com ajuda do Senhor, já que disto depende o futuro de nosso país, de nosso continente e do mundo. ■



Voltar às fontes



Natal Solidário

*Saturnin Cloud BITEMO, s.j.
Colégio Libermann - Douala (Camarões)*



Estamos chamados a responder frente a um tempo em que, em qualquer momento, tudo pode mudar, um tempo que interroga nossa fragilidade ou de nossa *falsa fortaleza*; um tempo que deixa claro que ninguém se salva se alguém fica no canal. E agora, mais que nunca, com o que estamos vivendo com a pandemia.

Diante disto temos o desafio de recuperar a firmeza da *sinodalidade*, no mais puro de seu significado. Jaume Fontbona, sacerdote e professor da disciplina de eclesiologia da Faculdade de Teologia de Catalunha, já me disse quando estudava, durante minha juventude de seminarista, que a palavra sinodalidade significava «caminhar juntos com ritmos diferentes».

Caminhar todos e todas (meninos e meninas, jovens, adultos e adultas): respeitando processos, com a mesma meta, com o mesmo companheiro de caminho chamado Jesus, que abre atalhos... Juntos e juntas, sem distinções e com diversidades: leigas e leigos, religiosos e religiosas, diáconos, presbíteros, bispos; de qualquer lugar e condição sexual, social, econômica, profissional, espiritual, étnica... Ritmos diferentes do norte e do sul, do leste e do oeste, de qualquer capacidade e em qualquer momento vital.

Quando faz mais de um ano e meio apareceu o Covid-19 no bairro de Belavista, ferindo de morte aos mais vulneráveis, surgiu a possibilidade de abrir novas perspectivas de solidariedade com cheiro de sinodalidade. Eram momentos cruéis de isolamento e quarentena forçada. Os voluntários e as voluntárias de Caritas da Paróquia de São Francisco de Assis de Belavista, onde sirvo como padre, eram considerados pessoas de risco pela idade que tinham e por esta razão não podiam sair ao exterior para ajudar. Portanto, desde a paróquia se fez um apelo a todas as pessoas jovens do bairro com o objetivo de formar uma equipe de emergências para atender as necessidades dos mais pobres e débeis: anciãos, pessoas afetadas pelo vírus, famílias desestruturadas...

Me surpreendeu agradavelmente a resposta, porque não passou muito tempo quando comecei a receber chamadas telefônicas, mensagens de *whatsapp* e correios eletrônicos de homens e mulheres que se apresentavam para acrescentar mais uma mão sem bandeiras nem lucros. Não lhes importava que a iniciativa fosse da Paróquia. O que valorizavam era que se organizasse alguma ação solidária diante da situação tão preocupante. Também os profissionais do âmbito social da Prefeitura se comunicaram comigo para coordenar-nos nas possíveis atuações a realizar. Comecei a viver plenamente a prática da sinodalidade com pessoas da Paróquia, do Bairro e da Prefeitura com um objetivo comum: dar auxílio aos mais vulneráveis e desfavorecidos num contexto de pandemia pura e dura.

Cada voluntário e voluntária o experimentava a partir de suas convicções pessoais, segundo fui descobrindo no trato mais próximo. Levar comida e deixá-la à porta, ir à farmácia para buscar uns medicamentos ou escutar atentamente por telefone eram atos de amor que se expressavam a partir de uma organização simples. Por isso aquele tempo foi um *sínodo* de rua, uma assembleia de voluntários e funcionários que tinham cheiro de rua e eram para a rua. Uma estrutura de estar



por casa, onde todos e todas tinham uma função para o bem comum das pessoas que estavam passando mal. Cheguei a valorizar a qualidade humana das diversas pessoas que haviam se oferecido. Fomos nos conhecendo e reconhecendo no que fazíamos e vivíamos. Pessoalmente me senti um instrumento de Cristo quando coordenava a equipe com o telefone e nos encontros presenciais, organizados com precauções, com algum voluntário no local paroquial. Depois de um ano fizeram uma pequena entrevista às pessoas que

havíamos coordenado, nunca mandado, grupos de ajuda do município. Transcrevo aqui alguma das coisas que respondi:

«Um sorriso de agradecimento me saiu do coração quando me converti em «central de coordenação» de uma equipe que fez um serviço que não tem preço. E foi quando alegrei-me com a frase de meu amigo Jesus Cristo: «Amai-vos uns aos outros» (Jo 13, 34)».

E encerro com um conto que de verdade tem muito que ver com o que compartilhei e que segue tendo eficácia. Que cada um tire suas próprias conclusões!

Havia um incêndio, num grande bosque, com umas chamas impressionantes, e um passarinho, muito pequeno, foi ao rio, molhou suas asas e, sobrevoando sobre o grande incêndio, começou a batê-las para apagá-lo; e voltava ao rio uma e outra vez. Um corvo que o observava lhe disse: «Escuta, porque estás fazendo isto? Acreditas que com estas gotinhas de água poderás apagar um incêndio de tão grandes dimensões? Não irás consegui-lo!»

E o passarinho humildemente respondeu: «O bosque me deu tanto, lhe quero tanto! Eu nasci nele. Este bosque me mostrou a natureza. Este bosque me deu todo meu ser. Este bosque é minha origem e meu lar e morrerei lançando gotinhas de amor, ainda que não possa apagá-lo».

O corvo entendeu o que fazia o pequeno pássaro, e lhe ajudou a apagar o incêndio. ■

*Pepe Baena Iniesta
Diocese de Tarrasa (Espanha)*



Como a todo organismo vivo, às comunidades humanas nos custam muito as mudanças. A alguns incomodam, a outros os põe ansiosos. Há quem se enfurece e quem reclama à toa. O certo é que não queremos mudar. Para quê? Se estamos tão bem assim! Ou ao menos o conhecido nos dá certo alívio e segurança. Porém então, uma ou várias experiências transformam tudo. Nem para bem nem para mal. Simplesmente sucede porque sempre esteve aí. Está em nosso ser, criação e evolução constante. Como se tivéssemos esquecido de que cada uma de nossas células de ADN leva gravado: «O único permanente é a mudança».

Neste caso, bem sabemos, a pandemia e suas consequências. Qual origem cósmica que veio para sacudir-nos e dar-nos o tempo-espaço de recalculer.. «Ah, certo que não está tudo dito», «Certo que se podem ver as coisas de forma diferente», «Certo que o importante é isso ao que não prestamos atenção todos os dias», «Certo que está tão bom voltar a ver-nos», «Certo que abraçar-te é magia»...

E, então, o impacto desta nova consciência é orgânico e integral. «Certo que temos direito de reclamar nossa soberania espiritual» e que se ama «em espírito e em verdade», não de ritos e de palavras. E que, aos três anos de movimento e pregação de Jesus pelo Mar da Galileia, lhe antecedem trinta de tranquilidade e silêncio em terras de Nazaré. Porque, de tão apurados por celebrar a ressurreição, o Cristo Glorioso, nos cansamos de agradecer os encontros, sustentar a rotina, acompanhar a frustração, entender a impotência, abraçar a dedicação, potenciar o assombro, descobrir a simplicidade, celebrar a austeridade, aprender com os erros... Bem, aprender sempre.

Recalculer se parece muito a «a vida é uma moeda», como diz a canção popular para apelar à metáfora sobre aquilo que não se pode medir ou controlar e métodos absolutos. Porque é um ritual muito humano encontrar-nos pensando: «E isto, que sentido tem?», «Como pode ser?» A sensação nos convoca à experiência do desvanecimento, de manifestar-nos frente um mistério. Mistério não como algo oculto, que não se deve compreender e que somente resta aceitar e obedecer, senão como um «dar-nos conta», que se ressignifica cada vez que nos animamos a nadar no fundo ou a escalar a ladeira. Mistério de vida que se faz visível quando nos empenhamos em buscar desde nossa profundidade.

Daí o título desta reflexão. Porque, talvez, a proposição matemática seja muito mais genuíno à experiência de fé. E então a ordem dos fatores não altera o produto. Por que não sonhar com uma Igreja um pouco «mais desordenada» ou diversa ou combinada de diferentes maneiras? Por que não assumir que somos «filhos do vento» (como diz outra grande canção) e que o Espírito sopra para mais além dos calendários litúrgicos e das formas romanas? Bem-vinda seja esta brisa.

Dizem que o segredo de assumir as mudanças é a prática, o exercício de «sustentar o vazio», não para completá-lo, não para enchê-lo com o mesmo frenesi com o que saímos

a comprar, senão, justamente, para habitá-lo. A maneira em que saímos a surpreender à vida e, ao mesmo tempo, deixamos que ela nos surpreenda. A forma em que lhe encontramos ao redor, depois de muito «perder o tempo» e enchermos de paciência para dar com a combinação, a cor, a luz, o som que faz que tudo ganhe sentido, uma vez mais, de forma simples, bela e nova.

A tentação? Usar fórmulas já usadas ou estranhas. Não assumir o esforço e a gratuidade de aventurar-nos, sair para a aventura. Nas palavras de um grande teólogo contemporâneo: «o cristianismo do século XXI será místico ou não será». E eis aqui a *aprendizagem*: místico não como fuga, não como evasão da realidade, senão como experiência profunda de um Deus que hoje é realidade nova: humanidade plena, criatividade abundante, inteligência colaborativa, inovação sustentável e pura confiança.

Recalcular para reconhecer a evidência de ser pó de estrelas, nascidos para configurar nossa própria proeza. Acompanhados de Deus e plenos de Espírito para *transformar-nos* de humanos em *seres com humanidade*, capazes de gerar novas formas de convivência humana, como Jesus de Nazaré, nada mais e nada menos. ■

Mariana Gambarini
Professora de Teologia
Burzaco (Argentina)





Na cozinha estava Elisa preparando desde cedo almoço familiar. As panelas fumegantes deixam perceber aromas de feijão e caldos. O pão está no forno, tal qual a receita de sua mãe. Só falta terminar a *mousse* de chocolate que Francisca, sua neta, tanto gosta. Elisa olha o relógio da parede; logo chegarão, para almoçar. Se limpa as mãos, desamarra seu avental e leva o pote com a recipiente com a *mousse* à geladeira. Toca a campainha, bem a tempo.

Horas antes em outro lugar da cidade, Francisca se dirige à sua mãe:

— A que horas vamos à casa da vovó? Tenho que encontrar o livro das nuvens— enquanto revisava no cesto dos brinquedos.

— Em meia hora, Fran. Teu pai foi pôr combustível no carro— responde sua mãe.

Há meses que Francisca não vai a casa de sua avó. Seus pais falam de uma enfermidade que está na cidade, no país, no mundo. É grave e os médicos recomendam a cada família estar em sua casa para evitar contágios. Assim que, faz algum tempo, que só se falam

por chamada de vídeo.

Hoje, depois de muitos meses, a família se reúne para compartilhar uma tarde de domingo.

Um dia em casa da avó, Francisca encontrou um velho baú azul no quarto do final do corredor. Com muita dificuldade o abriu. Entre roupas e brinquedos quebrados, encontrou um livro. Desde o primeiro momento lhe chamou a atenção: no céu infinito figuravam, em diversas formas, nuvens de várias cores. Não havia letras em seu interior, somente algumas figuras. Sentada no chão, Francisca abriu esse livro de folhas dobradas e capa colada com fita adesiva, enquanto que os marcadores secos e desbotados demonstravam antiguidade. No final tinha duas folhas brancas, que lhe deram muita curiosidade. Sem dizer nada, o pôs na bolsa de sua mãe.

Quando Mariana era pequena, uma nova história envolvia a mente de Elisa para sua filha cada noite. Antes de ir dormir, a levava pela mão de um Rei Castor, habitante de um planeta azul, onde cascatas de caldo de laranja davam vida a nuvens multicoloridas, que dançavam para fazer cair uma chuva de chocolate. Enquanto isso, o sol verde derretia os rios que davam vida a campos de doces, alimento para os habitantes do lugar...

Sempre sua mãe lhe avisava quando devia fechar os olhos para poder ver melhor cada cena do conto. Lhe deixava intervir e juntas lhe davam um final. Nunca se repetia.

O inesperado despertava em Mariana a ansiedade da hora noturna. Sua mãe tinha um relógio de areia, a diversão aumentava ao saber que deviam dar um final à história antes que o último grãozinho caísse.



As folhas em branco davam autorização para completar o conto como o relator quisesse. Ali estava o segredo: o poder dar um final diferente cada dia.

Quando Mariana chegou nessa tarde de verão à sua casa e encontrou em sua bolsa o livro de sua infância, se emocionou ao saber que Francisca havia sido surpreendida, como uma vez se passou a ela, por essas páginas de figuras fantásticas.

Ao chegar a noite, mãe e filha têm um ritual recreio, onde vão cantando ao banheiro: escovar os dentes, água fresca, uma história e a dormir. Assim repetem até entrar debaixo dos lençóis. Francisca acomoda o travesseiro, está pronta para o livro das nuvens. Mariana se senta à beira da cama, com dúvidas de poder conseguir algo similar ao aprendido de sua mãe. Move o relógio de areia na mesinha de cabeceira. Sempre o guardou consigo, testemunha de aventuras imaginárias e deliciosas ficções. Agora junto a sua pequena repete as palavras mágicas: «Era uma vez ...» E assim chegaram a sua mente mundos distantes de sete luas, onde habitavam princesas indígenas com dragões bons e bruxas com súplicas de fazer rir que conquistavam os corações de quem se atrevia a bater a suas portas.

O tempo voava, assim que, pediu à Francisca para fechar os olhos e terminar o conto, igual que sua mãe ensinou-lhe uma vez. O relógio de areia marcava: «Hora de sonhar, Fran», lhe diz beijando sua testa.

Tempo de histórias, tempo ganho. «Se imaginas sonhas, se sonhas crias e assim não paras», pensava Mariana. Consequira.

Chegaram à casa da avó, Elisa depois de abraçar a sua neta e enchê-la de beijos guardados, olha com surpresa que, debaixo do braço, trazia esse livro esquecido.

— Avó, me contas um conto?

Mariana abraça ua mãe e lhe murmura ao ouvido:

— Obrigada, por ensinar-me a sonhar! ■

*Ana Carrera Méndez
Montevideo (Uruguai)*

São pouquíssimos os dados que os evangelistas dão de modo explícito sobre a pessoa de São José. Apenas os dois primeiros capítulos do evangelho de São Mateus nos falam com certo detalhe de sua pessoa e de suas atitudes. E é a partir desses poucos dados que quero fazer minha reflexão.

José é o homem que **«escuta»** a voz de Deus em momentos e situações decisivas de sua vida. No momento no qual ele adverte a gravidez de Maria (Mt 1,20-21) e, depois do nascimento de Jesus, quando é avisado da necessidade de fugir para o Egito para livrar-se da perseguição de Herodes (Mt 2,13), ou quando recebe a notícia da morte de Herodes e a possibilidade de voltar de novo a Nazaré (Mt 2,19).

O que José escuta lhe faz tomar decisões bem difíceis. A primeira, a de aceitar a misteriosa gravidez de Maria com os preço pessoal e social que implicava. A segunda e terceira, a decisão difícil de um exílio e umas viagens penosas nas condições, que estavam enfrentando, de um nascimento recente. Nenhum desses pedidos era fácil de realizar.

Porém São José não é somente a pessoa que escuta, mas a que **«cumpre»** os difíceis pedidos de Deus com prontidão (Mt 1,24; 2, 14 y 2,21). Porque não se trata somente de escutar, mas de levar à prática, num exercício não só de escuta mas também de confiança plena. Nada do que Deus lhe pede era o previsível nem o esperado nesses momentos. Porém ele não duvida um momento, apenas percebe que é Deus quem lhe pede esses sacrifícios.



**"QUE TENHAMOS
A MESMA VALENTIA
CRIATIVA
DO CARPINTEIRO
DE NAZARÉ,
QUE SABIA
TRANSFORMAR
UM PROBLEMA
NUMA
OPORTUNIDADE".**

Patris Corde, 5

Há um outro fato relevante no relato evangélico destas cenas: quem fala é um anjo em sonhos. «o Anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos» (Mt 1,20; 2,13; 2, 19). O Anjo é mediador da palavra e da ordem de Deus, e exerce essa mediação em circunstâncias ambíguas («em sonhos»). Notemos a diferença com o Anjo que se aparece a Zacarias anunciando o nascimento de João Batista. «O Anjo do Senhor apareceu-lhe, de pé, à direita do altar do incenso» (Lc 1,11) ou o anjo Gabriel que aparece a Maria na Anunciação (Lc 1,26). José podia perguntar-se com toda legitimidade «é verdade isto ou estou sonhando?». E utilizar essa pergunta como desculpa ou pretexto para não cumprir o que Deus lhe pedia.

Tudo isto nos provoca uma série de reflexões importantes para nossa vida.

A primeira delas é a de que **Deus fala em nossa vida**. O Deus de Jesus, o Deus do evangelho e de toda a história da salvação, não é um Deus «mudo», mas é um Deus que fala de muitos modos e maneiras na história humana e na história pessoal de cada um de nós. É um Deus em diálogo. Um diálogo que é, sempre, um diálogo de amor e um diálogo de salvação. E São José nos convida a viver em atitude de escuta, em atitude de atenção, nos convida a ser «ouvintes» da Palavra de vida.

Gosto de dizer, a partir da própria experiência própria e de outros, que Deus fala «baixinho, porém claramente». Deus não fala aos gritos nem de modo impositivo, mas propositivo. Porém vivemos distraídos, envolvidos com mil ruídos interiores e exteriores que nos impedem de ouvir. Sim: ruídos interiores que são os ruídos de nosso ego insaciável, que não tem ouvidos mais que para si mesmo, para suas preocupações, seus sofrimentos, seus narcisismos..., e os ruídos variados e escandalosos do mundo no qual vivemos, ruídos que, às vezes, nos atacam e golpeiam de forma impiedosa, porém nos que, às vezes, nos deprimimos para não pensar em nada, para não planejarmos nada, para fugirmos de nós mesmos. E assim é impossível ouvir ao Deus que nos sussurra seu carinho, suas propostas, suas verdades.

Como sucedeu no caso de José, porém também nos de Zacarias ou Maria, o que Deus diz nos resulta desconcertante, surpreendente: «Zacarias disse ao anjo: No que o conhecerei? Porque eu sou velho e minha mulher é de idade avançada» (Lc 1,18) «Maria respondeu ao anjo: Como será isto, já que não conheço varão?» (Lc 1, 34). Não responde sempre a nossas expectativas, planos ou desejos. E então é o momento de imitar a José em sua confiança.

Porém, como podemos saber se o que escutamos, através de mediações, é o que Deus nos diz e não é um sonho ou engano? É imprescindível o **discernimento**. Não é uma palavra vã nem uma moda nem um entretenimento. É uma necessidade porque Deus fala através de mediadores e de mediações, e todas as mediações são ambíguas. Santo Ignácio já o tinha muito claro e o expressava assim em seus Exercícios falando das «consolações»: «... pode consolar a alma e assim tanto o anjo bom como o mau por finalidades contrárias: o anjo bom por proveito da alma, para que cresça e suba cada vez mais, e o anjo mau para o contrário, e adiante para trazê-la a sua cruel intenção e malícia» (Exercícios nº 331).

O discernimento não é um exercício solitário nem desprovido de elementos objetivos. O acompanhamento é importante na vida, especialmente nos momentos de grandes decisões e no crescimento em virtudes, capacidade de serviço e constância e radicalidade na entrega são sinais de que é o «anjo bom» o que, como a São José, nos fala no caminho da vida. ■

*Darío Mollá Llácer, s.j.
Director de Exercícios Espirituais, teólogo, especialista em espiritualidade inaciana.
Valencia (Espanha)*



Era uma vez, num país nem muito distante nem muito perto, nem muito grande bem muito pequeno, um grupo de crianças que se reunia, no sábado pela tarde, na casa das Irmãs. Essas Irmãs, não é que fossem Irmãs entre elas, porém assim as chamavam todo mundo.

João, Pedro e Inês —esses três sim que eram irmãos— visitavam pela primeira vez. Foram convidados por seus amigos. A verdade é que, como eram tímidos, lhes dava um pouco de vergonha. Porém, Carlos, André, Belém, Samanta, Elisa, Kevin e Carolina eram seus companheiros na escola e lhes assegurara que, em «Nazaré» se sentiam muito bem. Assim que...por que não provar?

Um rapaz os esperava no pátio.

— Olá! Meu nome é Sérgio. Serei vosso animador. Como é vosso nome?

As crianças se apressaram a apresentar-se.

— Ainda é cedo —Sérgio olhou seu relógio— Os demais demoraram todavia. Incomodam-se de esperar aqui? É que os animadores estamos preparando a atividade desta tarde.

Não tinham nenhuma pressa, claro. Enquanto isso, podiam observar na pequena aonde Sérgio lhes havia conduzido. Era um lugar amplo, muito iluminado, com umas letras grandes de cartolina de muitas cores que diziam: «Bem-vindos». Havia alguns livros, jogos de mesa, pinturas... E um grande mural com mãos e pés pintados, no qual reconheceram esse personagem simpático com corpo de mundo e gorro verde que seus amigos chamavam «nazarezinho».

A questão é que aí estavam, entretidos com todas essas coisinhas, quando, de repente, João, o menor, surpreendeu a seus irmãos dizendo:

— O padre desse quadro piscou para mim!

— Não digas asneiras, João. Os quadros não fazem essas coisas – chamou-lhe a atenção Pedro, o mais velho.

- Foi, sim! É verdade! Eu vi! – insistiu João.
- Anda...Tiveste a impressão... – interveio Inês, em tom reconciliador, enquanto ela mesma ficava olhando o retrato de um sacerdote já maduro e muito sorridente, com um livro na mão.

E o caso é que, então, a mesma Inês começou a balbuciar:

- Pois... olha... que a mim também deu a impressão que nos piscava um olho...
- Porém estás mal da cabeça! —gritou Pedro— Como vai acontecer semelhante coisa?
- Sim, sim, nos está olhando... e creio que deseja que nos aproximemos para dizer-nos algo – João já saltava estendendo a mão em direção ao quadro. E tanto saltou e tanto a estendeu que, de repente, seus irmãos o viram desaparecer.
- O que está se passando? – Pedro alucinava.
- Vamos! —o empurrou sua irmã.

E num visto e não visto, estavam os três dentro do quadro, diante do padre sorridente com o livro na mão, que os olhava todo satisfeito.

- Olá! Me chamo Francisco. Me alegra muito que tenhais querido visitar-me, aqui, em meu tempo.
- Bem.... Tão pouco é que tenhamos querido... - explicou Pedro.
- Esta é uma viagem no tempo? – perguntou João com entusiasmo.

Francisco, o padre, explicou-lhes:

- Bem-vindos ao século XIX. Estamos na Espanha, na Catalunha, para uma visita. Vamos conhecê-la?
- Sim, claro!
- Já que estamos aqui...

E é assim como, pela mão de Francisco, as crianças foram conhecer o que estava se passando na Catalunha no século XIX. Pedro, que se achava mais esperto – por ser o mais velho e o mais inteligente da classe – disse:

- Seguro que nos levarás a Barcelona. Nessa época houve muitas invenções: a máquina a vapor, o trem... Meu professor nos falou sobre a revolução industrial.

Enquanto caminhavam a passos largos, Francisco se limitou a sorrir. Deixaram para trás ruas e paisagens e chegaram às portas de uma grande fábrica. Tocou a sirene que permitia interromper o trabalho. Uma porção de operários e operárias saíam apressadamente. Porém o que mais surpreendeu a nossos amigos foi ver, no meio desse monte de gente, meninos e meninas de sua mesma idade que, ao que parecia, também estavam trabalhando na fábrica.

- São muito pequenos! São como nós!
- O que eles fazem na fábrica?
- Têm os dedos muito finos e ágeis —explicou Francisco—. Por isso, se ocupam de enrolar os fios, desenrolar os embaraçados, e coisas assim...
- Parecem tristes! Ganham muito dinheiro?
- Não! —continuou Francisco—. São criaturas frágeis, expostas a todos os perigos, que estão aí em troca da comida... Pouco mais.



Seguiram caminhando e chegaram à porta de uma igreja, nem muito grande, nem muito pequena. «Normal», pensaram: «É um padre! Agora irá pregar-nos um sermão».

Ali se reuniu uma boa quantidade de pessoas, de todas as idades. Reconheceram os rostos de algumas mulheres e crianças que tinham visto sair da fábrica. Chegavam e saudavam e por isso souberam que seu anfitrião do século XIX também se chamava Butinhá (seguramente, de sobrenome).

As pessoas se acomodaram nos bancos. As crianças nas escadas do altar. O padre Butinhá explicava o Evangelho de forma muito simples, pondo exemplos, fazendo perguntas às crianças, ensinando cantos e poemas. Todos estavam contentes, muito contentes.

As pessoas, que tinham visto sair da fábrica cansada e oprimida, nesse momento, pareciam bem dispostas e alegres, como quem desfruta de umas *mini férias* das 19 horas, como quem respira com alívio ao deixar uma carga, como quem descobre que o que faz cada dia tem sentido. O padre Francisco explicava que o trabalho, quando está bem feito e feito com amor, nos faz colaboradores de Deus, e que trabalhando podemos parecer-nos com Cristo, que também foi operário, de «nossa associação», foi o que lhes disse.

- O que significa «associação»? – perguntou João.
- Uma associação é um grupo de pessoas que têm uma mesma profissão. Por exemplo, os lavradores, ou os artesãos, ou os ferreiros, ou os carpinteiros.
- Ah... então... nossa associação são os estudantes, não é?
- Claro...

E a associação de meu pai seria a dos entregadores de pizza.

- Pois sim. No século XIX ainda não existia essa associação, porém no XXI, sim. E é muito importante! Fazem um grande trabalho.
- Padre Francisco, o que é isso que explicavas sobre Nazaré? Nós nos apontamos em um grupo que se chama assim, porém somos novos e não sabemos muito... Bem, não sabemos nada.
- Quereis conhecer Nazaré? Muito bem. Vinde comigo!

O padre Butinhá se levantou e percorreu a igreja, até parar diante de um quadro, onde as crianças reconheceram a Jesus, Maria e José. Ficaram olhando e... quando quiseram dar-se conta, já estavam com eles, dentro do quadro!! Levaram um grande susto, porém também havia entrado o padre Francisco, e como já confiavam nele, se sentiram um pouco mais tranquilos.

- Vinde, não sejais tímidos. Vamos falar-lhes.
- Jesus é um menino da minha idade —observou Pedro.
- Sim —afirmou Francisco—, creio que podereis chegar a ser grandes amigos.

E se alojaram na casa de Nazaré, que cheirava à madeira nova e a bom cozido... José era um pai carinhoso. Maria uma mulher amável. Jesus era muito divertido. A casa de Nazaré estava aberta a todos. Por ali desfilaram vários vizinhos, que chegavam a pedir sal, a pedir fermento, a encarregar um banco ou a passar uns momentos. Todos se fixavam nas crianças e se interessavam por elas. Nossos irmãos se sentiam uns hóspedes importantes.

- Viemos do século XXI.
- Muito bem, este é o século I.
- Como é a vida no teu tempo, Jesus? E o que tu fazes todos os dias?
- Vou ensinar-vos... Vamos!

E enquanto os adultos falavam de suas coisas, as crianças tinham muito para compartilhar. Pensai!, de repente iam ser uns exploradores do século I. Quais as brincadeiras em teu tempo, Jesus? E como é a vida das crianças? Vais à escola? Ajudas a teu pai? Tens amigos? Tua mãe te conta histórias?

Quando já levavam um bom tempo, o padre Francisco se aproximou deles:

- Temos que pensar em voltar, não é?
- E como o fazemos? Buscamos outro quadro? —perguntou João.





— De acordo, porém enquanto vamos caminhando, digei-me, o que vos pareceu esta viagem pelo tempo? Gostastes?

— Pois bem... A verdade é que temos muita sorte de poder brincar — disse João, todavia impressionado pela história das crianças da fábrica.

— Do que eu mais gostei é que Jesus é como nós... Como disseste, padre? Ah, sim, de nossa associação! — falou Inês rindo.

— E que para conhecer as pessoas de todos os tempos, devemos colocar-nos em seu lugar —acrescentou Pedro- e confiar no que nos dizem— concluiu, um tanto desorientado, reconhecendo que, ao começar a aventura, lhe havia custado dar crédito a seus irmãos menores.

O Pe. Butinhá parecia entusiasmado. Olhava para eles sorridente. Parecia dizer-lhes: «Se soubésseis quanto Deus vos quer...».

E de repente, escutaram, lá longe, a voz de Sérgio, o animador.

— Meninos, vamos começar! Já chegaram vossos companheiros! Ficastes dormindo?

Pedro, João e Inês despertaram e se olharam. Chegaram seus amigos e se derreteram num abraço. Os animadores começaram a explicar uma dinâmica de apresentação.

— Agora, vamos ao pátio para continuar com a atividade.

Porém antes de sair da sala, os três irmãos, um atrás do outro, e sem falar entre eles, olharam de rabo de olho ao padre do quadro, com seu livro na mão. E... não lhes estava piscando um olho?

— Se chama Francisco Butinhá —disse o animador.

— Ah! —exclamou Inês, com ar inocente— Nos explicarás sua história?

— Claro que sim... Ocorreu no século XIX, na Catalunha, porque havia muita produção e então...

E colorim, colorado, este conto já está acabado. ■

Equipe de Pastoral F.S.J.

Ilustrações: Carolina Castellanos

—Talleres Nazaré de Bogotá—

Imagina que, como os protagonistas deste conto, tu também pudesses viajar no tempo. Que outras coisas gostarias de perguntar a Francisco Butinhá? E a Jesus em Nazaré?

Imagina também que, além de viajar ao passado, pudesses viajar ao futuro. Como te vês? O que estarias fazendo? Gostarias de estar colaborando num mundo melhor? Como?

GRUPOS NAZARÉ: TRABALHO E AMOR PARA UM MUNDO MELHOR

Ao terminar estas páginas, nos permitas acrescentar uma palavra.

Talvez resulte óbvio, ou não, porém o dizemos de todo o coração.

E é que... **todos estes tempos**, os que amavelmente compartilharam nestas páginas e os que ficaram só na vontade; os tempos que ficaram sugeridos e os que se acumulam no mais oculto da alma; os tempos que compartilhamos, os que recordamos, os que esquecemos, os que esperamos, os que projetamos, os que desejamos, os que fechamos e abrimos com o mesmo movimento de calendário... Todos estes e, talvez, também outros... são tempos de Deus.

Se te animas, te pedimos que temes uns minutos mais, saboreando este poema:

Isto diz o Senhor:

*«Trabalha o silêncio e a escuridão
até que os convertas em música e luz,
sem pressa, **porque Eu ofereço o tempo**».*

*O embrião trabalha
sem que se veja seu esforço.
Tantas vezes perde sua forma
e inicia a seguinte!
E cria uns olhos
para a luz que não conhece,
pulmões para o ar
e não sabe que existe.
Pés para a terra fria e dura
a qual acabará querendo
depois de muitas lágrimas.*

*Este é o trabalho e o esforço:
encarnar ilusões, realizar sonhos,
ainda que no presente
pareçam incompreensíveis.*



*Criá-los a partir do próprio esforço,
das próprias lágrimas,
do próprio valor, usando a solidão,
a dor, o medo e o sonho de amar.
Porque o sonho de amor
é onipotente.
O sonho de amor,
—isto diz o Senhor—
provoca minha presença.*

(Autor desconhecido)

O nosso desejo para este ano é que o possas viver com grande esperança, que com renovado entusiasmo possas retomar o teu trabalho, o teu esforço, o teu sonho de amor... Oxalá convertas teus dias em uma obra de arte! Oxalá descubras teus tempos, todos teus tempos como presente de Deus!

Equipe de Pastoral F.S.J.





ALGUMAS DIREÇÕES NAS QUAIS PODES ENCONTRAR-NOS

Curia General
C/ Gral. Asensio Cabanillas, 18
28003 Madrid. Tel. 915 331 899
secretariageneral@hijasdesanjose.org

Comunidade Filhas de São José
Avenida Nossa Senhora do Monte
Caixa Postal Nº 231
Lubango - R.de Angola
hsanjlubango@yahoo.com.br

Comunidad Hijas de San José
Avda. Espora, 3355
1852 Burzaco —Argentina— Tel. (11) 4238 7233
burzacofsj@gmail.com

Comunidade Filhas de São José
Rua Mariana Januária, 22 37
250-000 Nepomuceno-MG Brasil
fsjnepomuceno@outlook.com

Communauté Filles de Saint Joseph
Log Baba, B.P. 4922, Douala
Republique du Cameroun
com.camerun2010@gmail.com

Hijas de San José
Carrera 68 D Nº 67-04
Bogotá —Colombia— Tel. 240 02 41
noviciadocol@yahoo.com.co

Comunidad Hijas de San José
Parroquia «Siete de Octubre»
Quevedo —Ecuador— Tel: 527 832 77
fsjquevedo@hotmail.com


Comunidad Hijas de San José
Apartado Postal 53
09020 Coatepeque - Guatemala
cdadcoatepequefsj@yahoo.com

Comunidad Hijas de San José
C/ Cerro de Macuiltepec Nº 353
Col. Campestre Churubusco - Coyoacán
04200 México D.F. Tel. (55)5685 27 02
fsjcoyoacan@gmail.com

Comunidad Hijas de San José
C/ Independencia Nacional, 915
ITÁ —Paraguay— Tel. 224 632 633
comunidaditafsj@gmail.com

Comunidad Hijas de San José
C/ Chile 3776
12800 Montevideo —Uruguay— Tel. (2) 314 28 51
fsjcerro@hotmail.com

Daughters of Saint Joseph
8986 Foggy Lopp
78045 Laredo Texas - U.S.A.
laredotexasfsj@yahoo.com



Há que cantar
sempre algo novo,
nascer um pouco cada dia.
Não permitas
que o tempo te aprisione
em seu círculo mágico.
Cada aurora é diferente,
e o que à noite te abatia
te ergue com o amanhecer
mais triunfante que nunca.
No girar do ano,
para alguns monótono,
tudo revive e se renova...

Aquillino Duque

FILHAS DE SÃO JOSE
pastoral@hijasdesan jose.org
www.hijasdesan jose.org